



Curso de Especialização em Indigenismo

MUDANÇAS NOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS XAVANTE DE *MARÃIWATSÉDE*

CAROLINA DELGADO DE CARVALHO

CUIABÁ

2010

CAROLINA DELGADO DE CARVALHO

**MUDANÇAS NOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS XAVANTE DE
*MARÃIWATSÉDE***

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Indigenismo sob a orientação Prof. Dr. Mario Sergio Michaliszyn.

CUIABÁ

2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que contribuíram para a realização deste trabalho.

O agradecimento mais importante vai para todos os membros da Comunidade Indígena Xavante de *Marãiwatséde*. Sem ela, suas colaborações e participação, este trabalho não teria sido possível. Espero que ele possa contribuir de alguma forma para a comunidade, quer seja na escola, para os estudantes de ensino médio e superior existentes hoje e os que virão ou para garantir o seu direito a uma cultura diferenciada!

Agradeço também à OPAN, na pessoa de seu Coordenador Geral Ivar Busatto, e à Universidade Positivo, na figura do Prof. Dr. Mario Sérgio Michaliszyn, que também orientou essa monografia, pelo esforço para a realização deste curso.

Agradeço ao meu companheiro Marcos Ramires, que no trabalho e na vida me faz ser uma pessoa cada vez mais completa, com seu amor, carinho e experiência de vida.

Agradeço a meus pais e minha irmã que, mesmo longe, estão sempre ao meu lado, apoiando-me sempre que necessário.

RESUMO

Este trabalho foi realizado entre os Xavante da TI *Marãiwatséde*, no nordeste do estado de Mato Grosso, Brasil, região de transição entre os biomas Cerrado e Amazônia. Sua realização teve por objetivo estudar os hábitos alimentares e as mudanças ocorridas na alimentação dos Xavante de *Marãiwatséde* desde o contato (no final da década de 1950) até os dias atuais. Para isso, foi utilizado o método etnográfico e uma revisão da literatura sobre o tema. As principais mudanças ocorridas foram a diminuição da prática da coleta e o aumento da dependência com relação à agricultura (tendo o arroz como principal produto) e da pesca, em um primeiro momento, e maior dependência de produtos industrializados, posteriormente. Observou-se a manutenção da prática das caçadas, mesmo que com menor intensidade e menor contribuição garantida para a dieta da comunidade, devido a sua elevada importância simbólica entre os Xavante. O aumento do consumo de itens industrializados de baixo valor nutricional trouxe sérios problemas de saúde, entre os Xavante em geral. No caso de *Marãiwatséde*, todos esses problemas foram agravados devido ao fato desta ser a TI mais desmatada da Amazônia Legal e todos os recursos, tanto para caça, pesca, agricultura e coleta estarem comprometidos. Algumas causas para essas mudanças foram elencadas como: a retirada forçada de seu território tradicional; o confinamento territorial; a diminuição gradativa da disponibilidade dos recursos; a degradação do solo; as políticas de desenvolvimento para os povos indígenas e o maior acesso a recursos financeiros e às tecnologias dos não-índios. Concluiu-se que, este povo mudou suas estratégias de subsistência ao longo do período de intensificação do contato, o que não comprometeu a sua essência, visto que estão sempre se reafirmando como povo, mesmo que através dos meios tecnológicos modernos

Palavras-Chaves: **mudanças alimentares; hábitos alimentares; Xavante de *Marãiwatséde*; estratégias de subsistência**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura – 1 | Localização atual das Terras Indígenas Xavante no leste do estado de Mato Grosso. | 11 |
| Mapa – 1 | Localização das comunidades Xavante em fins da década de 50 e início da década de 60 | 14 |
| Tabela – 1 | Terras Indígenas Xavante com suas respectivas áreas demarcadas e os municípios onde estão localizadas | 17 |
| Tabela – 2 | Dinâmica populacional recente por terras indígenas [1977-2003] | 20 |
| Figura – 2 | Organização de uma aldeia Xavante tradicionalmente construída no cerrado | 22 |
| Tabela – 3 | Sequencia de entrada dos grupos de idade na casa dos solteiros. Aqui esses grupos são apresentados divididos em metades | 24 |
| Mapa – 2 | Os dois limites da Terra Indígena <i>Marãiwatséde</i> , o proposto pelo GT (em azul escuro), em 1992, e o homologado (em vermelho), em 1998 | 30 |
| Figura – 3 | Crianças consumindo dois tipos diferentes de raízes | 36 |
| Figura – 4 | Criança comendo o palmito de acuri, próximo ao coco de acuri | 38 |
| Figura – 5 | Bolo de milho tradicional Xavante | 41 |
| Figura – 6 | Diversidade de milhos Xavante | 42 |
| Tabela – 4 | Alocação de tempo dos Xavante de Pimental Barbosa, adultos, nas atividades de subsistência, em 1976/1977 e em 1994, de acordo com o sexo | 47 |
| Figura – 7 | Espécies cultivadas nas roças coletivas, roças familiares e quintais, respectivamente, na aldeia <i>Wede´rã</i> | 53 |
| Tabela – 5 | Alimentos industrializados comprados pelos membros da aldeia <i>Wede´rã</i> | 54 |
| Figura – 8 | Parte do ritual do casamento realizado na aldeia <i>Marãiwatséde</i> , em março de 2009, na qual o homem oferece uma anta aos padrinhos da noiva, que a distribuem para a comunidade | 57 |
| Figura – 9 | Xavante comendo arroz em época próxima ao contato | 63 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-----------|-----------------------------------------------------------------------|
| TIs | Terras Indígenas |
| PI | Posto Indígena |
| SUDAM | Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia |
| FAB | Força Aérea Brasileira |
| SPI | Serviço de Proteção aos Índios |
| ONG | Organização Não-Governamental |
| AGIP | Azienda Generale Italiana Petroli |
| Funai | Fundação Nacional do Índio |
| ECO-92 | Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| UNCED | United Nations Conference on Environmental and Development |
| ENI | Ente Nazionale Idrocarburi |
| TI | Terra Indígena |
| Funasa | Fundação Nacional de Saúde |
| OPAN | Operação Amazônia Nativa |
| ANSA | Associação de Educação e Assistência Social Nossa Senhora da Assunção |
| SASSI | Serviço de Assistência ao Índio |
| MT | Mato Grosso |
| GT | Grupo de Trabalho |
| DSEI | Distrito Sanitário Especial Indígena |
| Prodeagro | Programa de Desenvolvimento do Agronegócio |

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1. UM POUCO DA HISTÓRIA E DA CULTURA XAVANTE | 11 |
| 1.1. Dados históricos | 11 |
| 1.2. A cultura Xavante | 19 |
| 2. AS MUDANÇAS ALIMENTARES ENTRE OS XAVANTE | 26 |
| 2.1. Estratégias de sobrevivência | 26 |
| 2.2. A alimentação até a década de 70 | 32 |
| 2.2.1. A caça | 32 |
| 2.2.2. A coleta | 35 |
| 2.2.3. A agricultura | 39 |
| 2.2.4. A pesca | 43 |
| 2.3. Efeitos do contato na subsistência Xavante (anos 80-90) | 44 |
| 2.4. A alimentação dos Xavante nos dias atuais | 50 |
| 2.5. A alimentação em <i>Marãiwatséde</i> no ano de 2009 | 54 |
| 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 69 |
| 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 71 |
| APÊNDICES | 73 |
| ANEXOS | 75 |

INTRODUÇÃO

Esta monografia é fruto do trabalho de quase um ano da autora realizado na aldeia Xavante de Marãiwatséde, na TI *Marãiwatséde*, Mato Grosso, Brasil. Essa TI é composta por apenas uma aldeia que perfaz uma população de quase 700 pessoas distribuídas em 74 casas onde residem famílias extensas.

Esta pesquisa está ligada ao trabalho realizado nesta TI pelas ONGs Operação Amazônia Nativa (OPAN) em parceria com a Associação de Educação e Assistência Social Nossa Senhora da Assunção (ANSA), iniciado em setembro de 2008. Esse trabalho tem por objetivo contribuir para a soberania alimentar e para a diversificação do banco genético *in situ* de espécies de interesse desse grupo indígena.

Em 2004, ao retornarem para o seu território tradicional, do qual foram deportados em agosto de 1966, os Xavante de *Marãiwatséde* encontraram uma terra desmatada, completamente diferente daquela por eles deixada. Arrasada pela exploração insustentável dos recursos, apoiada em um modelo de desenvolvimento que não respeita a diversidade socioambiental e que só faz aumentar cada vez mais as desigualdades existentes em nosso país.

Desde 2004, eles vivem em uma porção de sua terra muito menor do que a reconhecidamente necessária para sua sobrevivência, mas, mesmo assim, não desistem da sua luta. Desde seu retorno, eles iniciaram os plantios de roça nos resquícios de mata que ainda existem, onde tradicionalmente plantavam e começaram a cultivar algumas espécies frutíferas ao redor da aldeia. Alguns projetos de médio e longo prazo foram iniciados com financiamento do governo federal, após o apoio emergencial de curto prazo, necessário para a mínima recuperação da saúde daquele povo que havia permanecido 10 meses à beira de uma rodovia sem as mínimas condições de saneamento básico. Algumas áreas que já não são mais usadas para fins agropecuários estão em processo de regeneração natural e ali os Xavante podem coletar alguns frutos e raízes. Há também áreas próximas, mas fora do território para eles demarcado, às quais se dirigem para a coleta de alguns recursos.

É nesse cenário que o projeto “Fortalecimento da segurança alimentar e apoio ao banco genético da agricultura *A’uwẽ*¹” veio contribuir no processo de aporte e diversificação dos recursos naturais necessários para a sobrevivência desse grupo Xavante. Para isso, incentiva-se a roça tradicional e o intercâmbio de sementes com outras TIs e parceiros regionais, a diversificação com espécies frutíferas dos quintais no entorno da aldeia, a diversificação dos cultivares nas roças mecanizadas, a introdução de práticas de apicultura e o apoio a viagens para lugares significativos do universo simbólico local.

No princípio de seu trabalho nessa aldeia, em janeiro de 2009, a autora começou a procurar entender a relação simbólica que seus moradores possuíam com os alimentos e com os recursos que o projeto vinha trazendo. Para isso, iniciou um levantamento dos dados etnográficos já disponíveis sobre esse povo acerca da temática da alimentação e produção desses itens com o objetivo de compreender as mudanças nos hábitos alimentares ocorridas após o contato e quais as principais causas e conseqüências dessas mudanças.

Nos períodos de janeiro a março e de maio a dezembro de 2009 a autora permaneceu na aldeia cerca de 20 dias por mês desenvolvendo as atividades previstas pelo trabalho e sempre com o olhar voltado às questões do projeto de pesquisa. Nas muitas conversas com os indígenas, sempre os questionava a respeito de como era a alimentação antes de eles serem deportados e quais as principais mudanças ocorridas, assim como suas preferências alimentares e as principais culturas introduzidas pelos não-índios. Além disso, foram realizadas 8 entrevistas semi-estruturadas com pessoas de diferentes faixas-etárias com questões nesse mesmo sentido. Todas as entrevistas e situações vivenciadas em campo foram registradas em caderno de campo, posteriormente transcritas, sistematizadas e analisadas com base nas leituras realizadas.

Foi enviado um ofício ao diretor do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) de Barra do Garças, responsável pelo atendimento à saúde de todas as aldeias Xavante,

¹ Autodenominação deste povo.

solicitando os dados sobre desnutrição, doenças crônicas, população total, por faixas etária e por sexo e porcentagem de incidência de outras doenças para o grupo de *Marãiwatséde*, desde sua chegada na TI em 2004 até 2009, todavia, esses dados não nos foram enviados.

Durante a permanência na aldeia, a autora observava os alimentos que estavam sendo consumidos pelas pessoas nas casas que visitava e anotava no caderno de campo. Houve dificuldade de coletar dados sobre o consumo alimentar dessa população indígena, pois eles não possuem horários fixos das refeições, é desagradável a permanência do pesquisador durante todo o dia com uma família para a conferência e pesagem dos alimentos consumidos, a autora não mora com uma família Xavante e estas não tem o hábito de convidar os não-índios para realizarem refeições com as mesmas. Por tudo isso, privilegiaram-se os dados levantados através das observações realizadas no decorrer do trabalho da autora e da revisão bibliográfica.

Nesta monografia foi utilizado o método etnográfico (GEERTZ, 1989; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996) metodologia que provem das ciências sociais, muito utilizada em estudos de antropologia social.

Devido ao fato de a autora ter sua formação de graduação em Ciências Biológicas e pós-graduação em nível de mestrado nas Ciências Agrárias, essa foi sua primeira experiência acadêmica na área da antropologia, com uma vivência mais aprofundada junto a uma população com uma cultura diferenciada. Este trabalho é a incursão da autora a novas searas na busca de compreender melhor o povo com o qual trabalha e interpretar as ações e reações dos Xavante frente às propostas e atividades do projeto e às questões do dia-a-dia.

O objetivo deste trabalho, portanto é, apresentar dados qualitativos sobre os hábitos alimentares dos Xavante de *Marãiwatséde* e suas mudanças, desde o contato até os dias atuais.

1. UM POUCO DA HISTÓRIA E DA CULTURA XAVANTE

1.1. Dados Históricos

Os Xavante são um povo indígena pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê e à família linguística Jê. Vivem hoje no leste do estado de Mato Grosso, na porção Ocidental do Planalto Brasileiro, em uma região de campos cerrados (MAYBURY-LEWIS, 1984, p.75), compreendida entre o Rio Araguaia e a Serra do Roncador, que atravessam esse estado de norte a sul. Todavia, esse povo nem sempre viveu nessa região. Os primeiros registros sobre eles são da segunda metade do século XVIII, vivendo entre a margem esquerda do Tocantins e a margem direita do Rio Araguaia, ao norte da então província de Goiás (MAYBURY-LEWIS, 1984, p.39). Nessa época, provavelmente faziam parte de um mesmo grupo (Acuen), juntamente com os Xerente e chegaram mesmo a viver em alguns aldeamentos oficiais. “Entre 1740 e 1750 os aldeamentos eram, em realidade, prisões indígenas, para onde eram conduzidos os sobreviventes dos ataques dos bandeirantes” (RAVAGNANI, 1977, p.39 *apud* LOPES DA SILVA, 1992, p.363). Com a sistemática ocupação de suas terras pelas frentes de colonização e as péssimas condições de vida enfrentadas nos aldeamentos, os Acuen acabaram por se dividir.



Fonte: http://www.funai.gov.br/mapas/fr_mapa_fundiario.htm

Figura 1: Localização atual das Terras Indígenas Xavante no leste do estado de Mato Grosso.

Não há consenso sobre a data na qual estes dois grupos se separaram. Lopes da Silva (1992, p.365) coloca que teria sido por volta de 1820 e Maybury-Lewis (1984, p. 40) estabelece uma data um pouco posterior, 1840. Os Xavante atravessaram a Ilha do Bananal, rumo ao Mato Grosso e os Xerente permaneceram onde hoje é o estado do Tocantins. Os Xerente, já neste momento, optaram pelo contato sistemático com o não-índio e os Xavante mudaram-se para sudoeste em busca de um maior isolamento. Encontraram essa condição no leste de Mato Grosso, “numa espécie de terra de ninguém” (MAYBURY-LEWIS, 1984, p.40), onde permaneceram relativamente isolados na região do Rio das Mortes até novo contato em meados da década de 40 do século XX. Fala-se em isolamento relativo devido aos contatos esporádicos não amistosos com não-índios e outros grupos indígenas da região (Karajá, Bororo e Tapirapé). Maybury-Lewis (1984, p.41) cita relatos de “missionários salesianos trabalhando com os Bororo, com quem os Xavante se chocaram quando mudaram para seu novo hábitat”.

Nessa época, Ravagnani (1977, p.132 *apud* LOPES DA SILVA, 1992, p.365) relata uma momentânea aliança entre as facções deste grupo², para aumentar as chances de conquista do novo território. Em Lopes da Silva (1992, p. 365-366) encontramos um relato sobre esse período, comunicação pessoal de um Xavante a esta autora em 1991, que não concorda com outras fontes bibliográficas sobre qual teria sido a primeira aldeia fundada na região do Rio das Mortes (*Etetsiwató* – “Pedra Distante” ou *Wedé’ú*). Há concordância, porém, de que foi a partir dessa aldeia única que derivaram todos os grupos Xavante que hoje habitam as atuais 11 Terras Indígenas (TIs) onde vivem este povo. Foi daí que partiu um grupo rumo ao rio Suiá-Missu, o grupo de *Marãiwatséde*, com o qual foi realizado este estudo.

Segundo GIACCARIA & HEIDE (1972, p. 37) em *Wedé’ú* todos os velhos morreram em decorrência de epidemias e os Xavante decidiram ir em busca de outro

² A complexa sociedade Xavante está dividida politicamente em facções, indivíduos ou grupos que se opõem em busca de prestígio e reconhecimento e competem pela liderança. Nessa competição, geralmente o grupo mais fraco acaba formando outra aldeia onde pode exercer sua liderança novamente (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL 85/86, p. 344)

local para fixarem uma nova aldeia, *Itsorepré* (“Pedra Vermelha”- denominação Xavante para a Serra do Roncador) onde permaneceram por cerca de 30 anos.

Isorepré é a “aldeia-mãe”, a mais antiga, situada na região da Serra do Roncador/rio das Mortes. Com base nos dados disponíveis e, provisoriamente, é possível datá-la como tendo existido desde fins do século passado [XIX] até, talvez, os anos finais da década de 20 deste século [XX], ocupando sucessivamente sítios próximos, na mesma região. Dela partiram, em vários momentos, facções dissidentes que, formando novas aldeias, cindindo-se por sua vez, migrando em direções diversas, voltando em certos casos a reagrupar-se parcial ou completamente, expulsando e recebendo novos membros, constituíram novas unidades políticas e territoriais cujas relações com os não-índios não apresentaram homogeneidade (LOPES DA SILVA, 1992, P.366-367).

Até 1930, os contatos com o não-índio eram esporádicos e nem sempre pacíficos. Os Xavante, povo guerreiro, defendiam suas vidas e seu território quando se sentiam ameaçados. De 1937 em diante, iniciaram-se sucessivas tentativas de contato permanente, através de grupos de aventureiros paulistas, religiosos ou órgãos governamentais (MAYBURY-LEWIS, 1984, p.42) até 1946 quando um primeiro grupo foi atraído ao Posto Indígena (PI) de Atração Pimentel Barbosa. Assim como no século XVIII, a “pacificação” não ocorreu em um único momento, como consta na história oficial, mas em momentos distintos por diferentes grupos (LOPES DA SILVA, 1992, p.369). Esta autora coloca que as subdivisões sucessivas, “fugindo” e cedendo ao contato, eram uma estratégia Xavante contra os constantes ataques que vinham sofrendo e a contaminação por gripe e sarampo que vinha se instalando nas aldeias. “Buscando aprender os costumes, a língua e principalmente conhecer os remédios que os brancos usavam para aquele tipo de doença para o qual não tinham defesa” (OLIVEIRA, comunicação pessoal a LOPES, 1982).

O facciosismo característico desse povo volta a ser uma constante nesse período, visto que discordâncias internas e questões políticas fizeram com que diferentes grupos fossem sendo contatados entre 1946 e 1962, quando o último grupo Xavante foi alcançado pelas frentes de colonização da Amazônia. “As pressões sobre seu território e suas aldeias haviam aumentado tanto que, sentindo-se vencidos pelas

Mapa 1: Localização das comunidades Xavante em fins da década de 50 e início da década de 60, observe *Marãiwatséde* em destaque. (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 38)

Desde a segunda metade da década de 60 do século XX uma frente de expansão de fazendas de gado ganhou vulto na região leste de Mato Grosso, principalmente nos municípios de Luciara e Barra do Garças. Esse movimento foi fruto tanto da pacificação dos Xavante, que permitiu que os colonizadores ocupassem a área sem medo dos ataques desses indígenas, quanto dos incentivos fiscais e tributários do governo militar para que grandes indústrias do Sul do Brasil investissem na instalação de fazendas de gado para a produção de carne para exportação (DAVIS, 1978, p.142-144).

Nesse período, foi instalada na região de São Félix do Araguaia a Fazenda Suiá-Missu, que chegou a possuir uma área de 695.843 hectares (Casaldáliga, 1971, p.9). Esse latifúndio foi instalado no território dos Xavante de *Marãiwatséde* (ver Mapa 1) em 1966, apoiado pela Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), órgão do governo federal responsável pela colonização da Amazônia. Nesse momento, começaram a ser abertas as estradas que hoje cortam a região, como as BRs 158 e 080 e a derrubada da mata amazônica e do cerrado existentes nesta região de transição entre os dois biomas. A mão de obra utilizada era a de migrantes vindos do nordeste e do Goiás, atraídos pelas possibilidades de emprego e de conseguir um pedaço de terra.

Casaldáliga (1971, p.16) em sua Carta Pastoral, denunciou os conflitos e a difícil situação do povo da Prelazia de São Félix do Araguaia, da qual foi bispo até 2005, e relatou a situação dos Xavante, citando algumas notícias de jornais da época:

A Suiá-Missu ao se estabelecer onde se encontra localizada defrontou-se com a presença dos índios Xavante. Foram empregados diversos meios de aproximação com eles, procurando-se evitar o confronto

direto. Quando o acampamento dos mateiros ficou pronto, os índios se aproximaram e se estabeleceram próximo ao mesmo. Mas essa presença ia-se tornando pesada. Cada dia era um boi que era matado para os índios. Era necessário encontrar uma solução.[...] E a solução encontrada foi fácil: a deportação

Em 15 de agosto de 1966, os Xavante de *Marãiwatséde* foram deportados de seu território para a Missão Salesiana de São Marcos, 400km ao sul, em aviões da Força Aérea Brasileira (FAB). Essa operação foi planejada pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI)³, pelo empresário Orlando Ometto, (dono da Fazenda Suiá-Missu naquela época), pela Missão Salesiana e pela FAB, pois os indígenas haviam se tornado um empecilho para o pleno desenvolvimento daquele projeto de colonização. Poucos dias após a chegada do grupo de 263 indígenas a São Marcos uma epidemia de sarampo os atingiu matando 83 deles (DAVIS, 1978, p.148).

Tal fato desestruturou profundamente o grupo, que permaneceu em terras de outros Xavante durante quase 40 anos, porém, como já citado, havia disputas e alianças entre facções. Maybyry-Lewis (1984, p. 50), antropólogo que esteve entre os Xavante já no final da década de 50 e que produziu a primeira monografia sobre esse povo, coloca que estes “não constituem uma unidade política. Suas comunidades são autônomas e raramente estão separadas por uma distância menor que a equivalente a um dia de viagem [a pé]”. Esses grupos muitas vezes são rivais e acontecem desavenças, por isso, os velhos pediam para que os mais jovens lutassem para reconquistar sua terra e voltassem para *Marãiwatséde*.

Apesar da correta afirmação sobre as constantes divisões internas desse povo, podemos observar que os mesmos também se unem, sempre que necessário, para a conquista de objetivos comuns, contra inimigos comuns. Se nas décadas de 30 e 40 do século XX eles apareciam nas manchetes dos jornais como índios selvagens e ferozes que se recusavam ao contato com o não-índio e flechavam os aviões que sobrevoavam suas aldeias, já na década de 70 apareciam defendendo os direitos sobre suas terras

³ O SPI foi, até 1967, o órgão oficial do governo federal responsável pela atração e integração das populações indígenas à sociedade nacional. Após sua extinção foi substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) existente até os dias atuais.

contra posseiros e grandes empresas agropecuárias (FERRAZ, 1992, p.7; LOPES DA SILVA, 1992, p.358). Nesse momento já não utilizavam mais flechas e bordunas, mas negociavam com o governo e com o órgão indigenista oficial. O Xavante que ficou mais conhecido em nosso país foi Dzuru'rá, ou Juruna, eleito deputado federal em 1983. Juruna andava pelos corredores da Câmara dos Deputados, em Brasília, portando um gravador, registrando todas as promessas, a respeito dos índios e que, normalmente, não eram cumpridas.

Todas as comunidades Xavantes passaram por um período de espoliação de suas terras e de luta pela demarcação das Reservas Indígenas, onde ficariam confinados até os dias de hoje. As TIs atualmente demarcadas para os Xavante, todas localizadas no estado de Mato Grosso são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1: Terras Indígenas Xavante com suas respectivas áreas demarcadas e os municípios onde estão localizadas (RICARDO & RICARDO, 2006).

| Terra Indígena | Extensão (ha) | Município |
|------------------|---------------|--------------------------------------------------------------|
| Areões * | 218.515 | Nova Nazaré |
| Areões I * | 24.450 | Nova Nazaré |
| Areões II * | 16.650 | Nova Nazaré |
| Chão Preto ** | 12.740 | Campinápolis |
| Marãiwatséde | 165.241 | Alto Boa Vista, Bom Jesus do Araguaia, São Félix do Araguaia |
| Marechal Rondon | 98.500 | Paranatinga |
| Parabubure ** | 224.447 | Canarana, Campinápolis e Nova Xavantina |
| Pimentel Barbosa | 328.966 | Canarana, Ribeirão Cascalheira |
| Sangradouro | 100.280 | General Carneiro, Novo São Joaquim, Poxoréu |
| São Marcos | 188.478 | Barra do Garças |
| Ubawawe ** | 52.234 | Santo Antônio do Leste |

* As TIs Areões, Areões I e Areões II são contíguas.

** As TIs Chão Preto, Parabubure e Ubawawe são contíguas.

Todavia, o grupo de *Marãiwatséde* ainda permanecia exilado. Em 1984, conseguiram reunir na Terra Indígena Pimentel Barbosa um grande número de sobreviventes da deportação e seus descendentes e fundar a aldeia Água Branca. A

partir daí começa uma luta das principais lideranças para a reconquista da sua terra. Luta que durou 20 anos e persiste até hoje.

No início da década de 90 essa luta ganhou força internacional, pois uma Organização Não-Governamental (ONG) italiana, a Campanha Norte/Sul, apresentou os resultados de uma pesquisa denominada *Brasil – Responsabilidades italianas na Amazônia*. Essa campanha, entre outros assuntos, levantou algumas grandes propriedades de terra de empresas italianas na Amazônia. Dentre elas estava a “Liquifarm Agropecuária Suiá-Missu S.A.”, que naquele momento pertencia à AGIP do Brasil, subsidiária da AGIP Petrolí (empresa pública italiana, sétima companhia mundial no setor petrolífero) (MAMPIERI, 1992, p.9). Essa empresa havia comprado a Fazenda Suiá-Missu na década de 80 e afirmou desconhecer a questão indígena que envolvia aquela área. Mostrou-se aberta a negociações para a resolução de eventuais problemas de natureza legal e no sentido de contribuir para o desenvolvimento dos trabalhos de reconhecimento do território indígena pela Fundação Nacional do Índio (Funai) (MAMPIERI, 1992, p.11).

As principais lideranças Xavante participaram dessas negociações, tendo realizado viagens à Itália para as reuniões com representantes da empresa, Funai e ONGs brasileira e italiana. Mampieri (1992, p.12) pôde observar que, durante esse período de negociações, a sede italiana da empresa mostrou-se inteiramente aberta ao diálogo e à colaboração, ao contrário do que ocorria com a AGIP do Brasil, que criou diversos obstáculos no sentido de um entendimento entre as partes. A subsidiária brasileira usou de “influências econômicas sobre altas esferas governamentais [...] para exercer pressões que resvalam a ameaça” (MAMPIERI, 1992, p.13).

Um fato mundialmente importante ocorreu no ano de 1992. A realização da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e para o Desenvolvimento, mais conhecida como ECO-92, reunião da ONU com representantes de diversos países cujo objetivo era discutir medidas para atingir o desenvolvimento juntamente com a conservação do meio ambiente. Nessa reunião consagrou-se o conceito de desenvolvimento sustentável, apresentado ao mundo pelo Relatório Brundtland, em 1974, pela Comissão Mundial (da ONU) sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento

(UNCED), que o definiu como o “desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual sem comprometer as necessidades das gerações futuras” ou seja, busca o equilíbrio do uso dos recursos naturais pelas populações humanas.

Nesse evento, ocorreu um encontro entre o cacique Damião Paridzané e o presidente da *Ente Nazionale Idrocarburi S.p.A* (ENI), empresa nacional de petróleo italiana à qual pertence a AGIP – Petroli. Foi então que ele afirmou publicamente que devolveria o território de *Marãiwatséde* que estivesse dentro dos limites da Fazenda Suiá-Missu aos Xavante. Todavia, isso não aconteceu e, a partir de 1992 a Suiá-Missu começou a ser invadida por posseiros e fazendeiros com a intenção de dificultar a volta desses indígenas ao seu território tradicional, iniciando-se uma série de conflitos na região (Ver Documentos 1 e 2 nos Apêndices).

De 1992 a 2009 noventa por cento (90%) da mata amazônica e trinta e três por cento (33%) do cerrado existentes dentro da Terra Indígena (TI) *Marãiwatséde* foram desmatados. Apesar de invadida por não-índios, esta TI foi homologada em 11/12/1998 com 165.241 ha.

Depois de esperarem por quase 40 anos para retornarem à sua terra, o grupo de *Marãiwatséde* organizou-se e permaneceu acampado ao longo da BR-158, no limite sul da TI, por 10 meses, de outubro de 2003 a agosto de 2004, reivindicando a entrada na área, já oficialmente reconhecida como deles, mas ainda não ocupada por eles. Em agosto de 2004, depois de uma decisão do Supremo Tribunal Federal a favor do retorno dos indígenas ao seu território, estes passaram a ocupar uma porção de cerca de 30% da TI homologada.

Quando retornaram, os Xavante encontraram uma terra arrasada e sem condições de reproduzir-se física e culturalmente. O que restou foi a destruição do seu território pela formação de pastagens e a retirada da mata, com conseqüente perda da diversidade de produtos da caça, da coleta e da agricultura, principais atividades de subsistência desse povo.

1.2. A cultura Xavante

Os Xavante ocupam uma região do Planalto Central do Brasil onde hoje está o leste do estado de Mato Grosso. Dados de 2007, da Funasa⁴, indicam uma população de 13.303 pessoas divididas em 11 Terras Indígenas descontínuas (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2009).

Tabela 2: Dinâmica populacional recente por terras indígenas [1977-2003]

| Terras Indígenas | 1977 [Funai] | 1980 [Funai] | 1984 [Funai] | 1988 [Funai] | 1996 [Prodeagro] | 1998 [Prodeagro] | 2000 [DSEI] | 2003 [DSEI] |
|------------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|---------------------|---------------------|----------------|----------------|
| Areões | 303 | 347 | 511 | 594 | 759 | 855 | 913 | 1028 |
| Marechal Rondon | 111 | 120 | 215 | 237 | 376 | 447 | 433 | 500 |
| Parabubure | 1.066 | 1.179 | 2.104 | 2.697 | 3.162 | 4.320 | 3.883 | 4.502 |
| Pimentel Barbosa | 266 | 269 | 526 | 673 | 1.068 | 1.139 | 1.361 | 1.570 |
| Sangradouro | 548 | 497 | 446 | 524 | 807 | 1.156 | 933 | 1.188 |
| São Marcos | 1.010 | 993 | 1.032 | 1.366 | 1.813 | 2.304 | 2.078 | 2.443 |
| TOTAL | 3.304 | 3.405 | 4.834 | 6.091 | 7.985 | 10.221 | 9.601 | 11.231 |

Fonte: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, (2009)

Chão Preto - a população aparece no cômputo geral da TI Parabubure
Maraiwatsede - litígio no processo de regularização fundiária
Ubawawe - a população aparece no cômputo geral da TI Parabubure

⁴ Fundação Nacional de Saúde, responsável pela saúde dos povos indígenas do Brasil.

As TIs Xavante localizam-se em duas importantes bacias hidrográficas da região amazônica: na porção oeste do Rio Araguaia (principalmente ao longo do Rio das Mortes) e ao leste do Rio Xingu (ao longo dos Rios Batovi, Culuene, Couto de Magalhães e Suiá-Missu). Além de um divisor de águas a região também abrange uma área de transição entre o Cerrado e Amazônia e, por isso, possui uma rica biodiversidade, de importância fundamental para o modo de vida xavante.

O clima é marcado por duas estações: a seca, que vai de maio a setembro e as chuvas, de outubro a abril. Essas estações condicionam as atividades agrícolas ao período das chuvas, já a caça e a coleta ocorrem o ano todo⁵, com alguma dificuldade maior no período das chuvas devido ao alagamento de determinadas regiões (GIACCARIA & HEIDE, 1972; MAYBURY-LEWIS, 1984). Tais regiões alagáveis são os chamados varjões, que ocorrem principalmente ao longo do rio Araguaia. Os Xavante são profundos conhecedores desses ecossistemas, como afirma Ferraz (1992, p.3):

As aldeias Xavante sempre estiveram situadas exatamente na faixa de cerrado, tendo o varjão à direita e as matas à esquerda. Isso não quer dizer que os índios não penetrassem nessas outras áreas, muito pelo contrário, tanto as matas quanto a região de varjão são profundamente conhecidas e usadas pelos Xavante

É no cerrado que os Xavante constroem suas aldeias, fazem caçadas e permanecem a maior parte do tempo. Na mata de galeria, ao longo dos rios, fazem suas roças na estação chuvosa e coletam frutas, raízes e outros recursos utilizados para a confecção de artesanatos e ornamentos cerimoniais, por exemplo. Nos campos cerrados, onde o solo é considerado ruim para a agricultura, eles realizam suas expedições de caça (MAYBURY-LEWIS, 1984, P.75-78). Em ordem de importância simbólica, as atividades de subsistência mais importantes para os Xavante eram a caça, a coleta e a agricultura, já por sua importância nutricional a coleta era a principal fonte de alimentos dos Xavante. “Estes produtos eram, basicamente, de três tipos: raízes, cocos e frutas” (MAYBURY-LEWIS, 1984, p.87).

⁵ As atividades esportivas tradicionais também são condicionadas ao período das chuvas, como relatado a nós por um de nossos informantes.

Os Xavante eram considerados um povo semi-nômade, pois construíam suas aldeias-base semicirculares em um local fixo, próximas a um curso d'água bastante grande, onde podiam cultivar suas roças, e se possível, na confluência com um rio menor (GIACCARIA & HEIDE E HEIDE, 1972, p.40). Segundo esses autores a água tem importância fundamental para diversos aspectos da cultura Xavante. Dessa aldeia-base partiam em expedições de caça e coleta que duravam a maior parte do ano. Nessas expedições construíam acampamentos com casas menores, mas dispostas de forma semelhantes às da aldeia-base (MAYBURY-LEWIS, 1984, p.98).

Na Figura 2 observa-se a organização tradicional de uma aldeia Xavante. No centro, o *warã*, local onde ao nascer e ao pôr-do-sol os homens maduros se reúnem para discutir todos os assuntos importantes para a comunidade; do lado direito estão os *ĩpredu*, homens já iniciados e que já apadrinharam a iniciação de uma nova classe de idade de seu grupo; do lado esquerdo os *ritey'wa*, jovens guerreiros, recém-iniciados, que se reúnem separadamente. Atrás das casas (círculos), os caminhos que levam à roça (*buru*); à frente, os caminhos que levam ao rio, onde tomam banho (*öyba*), lavam suas roupas e se refrescam nos dias mais quentes. À frente das casas, em um dos lados, encontra-se a *Hö*, ou a casa dos adolescentes; do lado esquerdo, na mata de galeria, o local onde realizam um importante ritual dos homens, o *waya* e atrás, à direita o cemitério (*adö'ru*). Ver explicações sobre as classes e grupos de idade mais adiante.

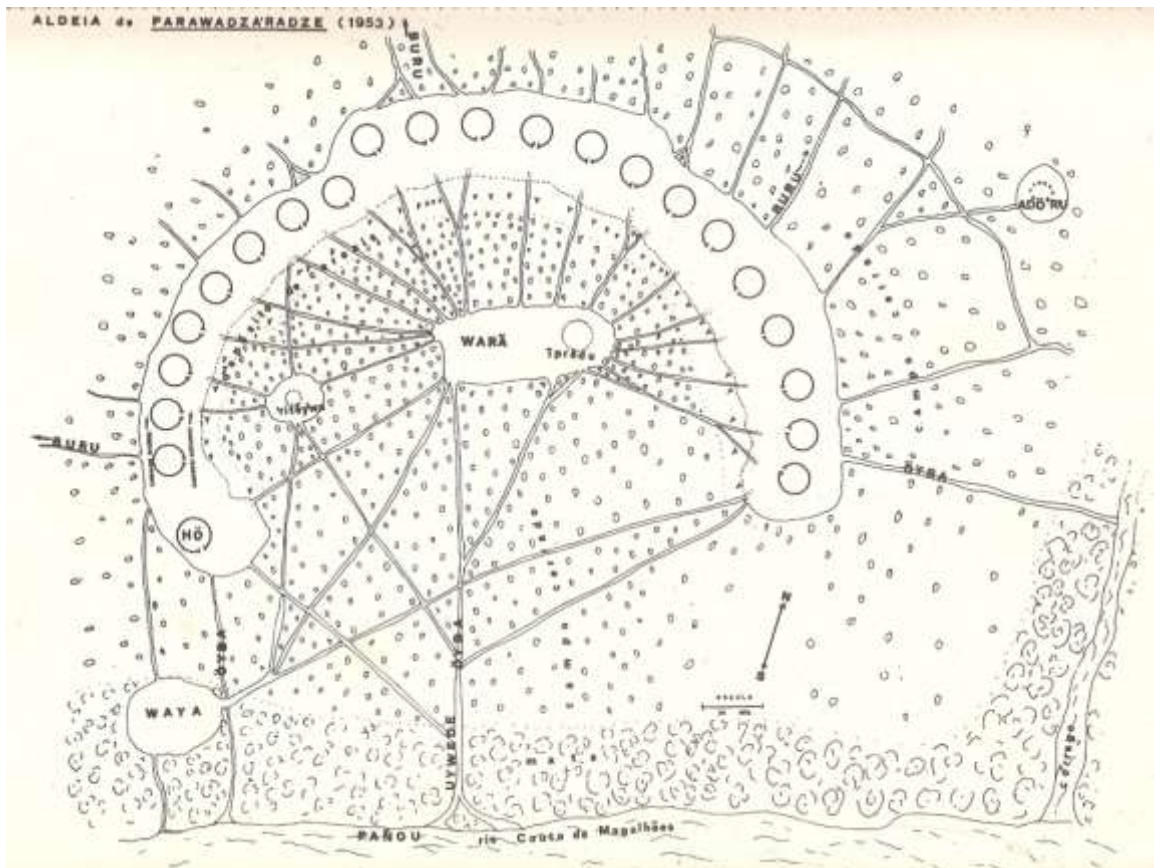


Figura 2: Organização de uma aldeia Xavante tradicionalmente construída no cerrado. (GIACCARIA & HEIDE, 1972, p. 41)

Suas casas eram circulares (hoje esse tipo de residência só é encontrado em algumas aldeias), com diâmetro de cerca de 5-6 metros, com uma entrada única voltada para o centro da aldeia e sem janelas. No seu interior encontrava-se o fogo, no qual cozinavam, ou mais frequentemente assavam, a carne e frutos de que necessitavam. Dentro de cada casa moravam duas ou três famílias nucleares, sendo a residência matrilocal (GIACCARIA & HEIDE E HEIDE, 1972, p.43).

Os Xavante se dividem em duas metades exogâmicas. Para Maybury Lewis (1984) existem três clãs: *Poredza'ono*, *Ö Wawẽ* e *Topdató*, com diferenças entre as regras de casamento dos Xavante Ocidentais e dos Xavante Orientais⁶. Em *Marãiwatséde* encontramos apenas dois destes clãs: *Poredza'ono* e *Ö Wawẽ*, sendo

⁶ Maybury-Lewis (1984) divide os Xavante em Ocidentais e Orientais, os primeiros incluem as aldeias da região do Xingu e do Alto Rio das Mortes e estes últimos as do Baixo Rio das Mortes (ver Mapa 1).

que todos os filhos pertencem ao clã do pai (patrilinearidade) e os casamentos devem ocorrer entre pessoas de clãs distintos. Esses clãs, juntamente com as linhagens, classes de idades e grupos de idades, em sua constante atividade política, formam a complexa e dinâmica sociedade Xavante. Tal dinâmica inclui uma divisão dessa sociedade em grupos de idade e classes de idade.

Os grupos de idade são utilizados para designar “um conjunto de indivíduos que nasceram no mesmo lapso de tempo” (GIACCARIA & HEIDE, 1972, p. 120). A cada período de 5 anos, aproximadamente, um grupo de idade permanece na casa dos adolescentes (*Hö*), sendo iniciado nos conhecimentos acerca da cultura Xavante. Existem oito grupos que possuem uma ordem fixa de entrada na *Hö*. Esses grupos são divididos em duas metades cerimoniais. A Tabela 3, abaixo, demonstra como esses grupos de idade sucedem-se na casa dos solteiros. A cada 40 anos, aproximadamente, um ciclo se fecha, sendo que os oito grupos já foram iniciados e começa, então, uma nova fase, novamente com a entrada dos *Abare’u*, por exemplo. Nesse caso, refere-se a um ancião pelo seu grupo, mais a variante *rada* (= mais velho)

Tabela 3: Sequência de entrada dos grupos de idade na casa dos solteiros. Aqui esses grupos são apresentados divididos em metades.

| METADE 1 | METADE 2 |
|----------|----------|
| ABARE’U | |
| | NODZÖ’U |
| ANAROWA | |

| | |
|---------|----------|
| | TSADA'RO |
| AY'RERE | |
| | HÖTÖRÃ |
| TIROWA | |
| | ETEPÁ |

Já as classes de idades são as fases pelas quais o homem e a mulher passam durante toda a sua vida. De forma simplificada, as etapas da vida de homens e mulheres são apresentadas abaixo, sendo que as idades são sempre aproximadas (GIACCARIA & HEIDE, 1972, p. 121).

Classes de idades masculinas:

watébremiti – menino quando começa a caminhar

ay'repudu – menino de 8 a 12 anos de idade

wapté – menino de 13 a 17 anos

'ritey'wa – jovem de 18 a 22, 23 anos (já iniciado mas ainda não considerado homem maduro)

dañohuy'wa – homem de 22, 23 até 26 anos

ĩprédu – homem que chegou a maturidade, com 26 anos

ĩhire – homem velho, aquele que conhece todos os segredos da tribo

Classes de idades femininas:

baóno – menina de 4 a 12 anos de idade

adzarudu – menina de mais de 12 anos até o casamento oficial

adaba – mulher depois do casamento oficial, antes de ter filhos

pi'õ – mulher casada com filhos

pi'õĩhi – mulher velha

2. AS MUDANÇAS ALIMENTARES ENTRE OS XAVANTE

2.1. *Estratégias de sobrevivência*

Como pôde ser observado anteriormente, os Xavante são um povo que ao longo de séculos utilizaram diversas estratégias contra a dominação pelas frentes colonizadoras. Lutaram para manter-se afastados da sociedade nacional até não mais poderem resistir à expansão da agropecuária, que alcançou a última região de cerrado que dominaram, na década de 60 do século passado. Nesse momento, finalmente foram forçados a se render ao contato mais sistemático com a sociedade nacional.

Para Flowers *et al.* (1998) os deslocamentos e migrações eram as defesas primárias das sociedades nativas da Amazônia face às fronteiras de colonização. Na maioria dos casos, as sociedades nômades e semi-nômades (como os Xavante) sofreram menos devido a esses movimentos do que os grupos sedentários, que dependiam muito mais de seus cultivos agrícolas para sobreviverem. Esses povos refugiaram-se até encontrarem-se encurralados pelas frentes de colonização.

Esses mesmos autores colocam que atualmente esses deslocamentos não são mais uma alternativa para esses grupos, visto que se encontram em uma situação de confinamento territorial, pois possuem Terras Indígenas demarcadas para eles, onde devem permanecer e de lá retirar o que necessitam. Atualmente, a maioria das populações indígenas têm que se adaptar a uma nova realidade territorial

“O padrão de ocupação territorial de um grupo confinado em uma reserva depende em parte da disponibilidade dos recursos” (FLOWERS *et al.*, 1998, p.18). No entanto, devido ao aumento de suas densidades populacionais (em consequência da garantia dos direitos básicos obtida por essas populações na Constituição Cidadã de 1988, apesar dos graves problemas ainda encontrados) e da degradação ambiental dentro e no entorno de suas terras “esses recursos na maioria dos casos não são suficientes para suprir as necessidades dessas populações” (FLOWERS *et al.*, 1998, p.18). Diversas estratégias foram e hoje ainda são utilizadas na tentativa de se obter maiores recursos: permanecer mais próximos da missão, do posto indígena ou da sede

de uma fazenda; deslocar-se para fora da reserva atrás de um trabalho remunerado ou criar trabalhos dentro da reserva; implantar projetos que tragam benefícios para a comunidade. Estes são apenas alguns exemplos. Este é um dos muitos aspectos aos quais esses grupos tiveram que se adaptar após um contato mais intensivo com a sociedade envolvente.

Em 1957/58 o antropólogo David Maybury-Lewis realizou suas pesquisas junto ao grupo chefiado pelo famoso líder Apowê, primeiro grupo a aceitar o contato com os não-índios, junto ao Posto Indígena de Atração Pimentel Barbosa, local denominado também São Domingos, às margens do Rio das Mortes. Nessa época eles ainda realizavam expedições de caça e coleta sazonais, cobrindo uma extensa área nesta região. Esse grupo hoje se encontra na TI Pimentel Barbosa, nos municípios de Canarana e Ribeirão Cascalheira, MT (FLOWERS *et al.*, 1998; MAYBURY-LEWIS, 1984; RICARDO & RICARDO, 2006).

Os postos de atração do SPI eram instalados próximos às aldeias indígenas para que esses grupos fossem atraídos e reduzidos a uma área de abrangência menor, para que suas terras permanecessem livres para loteamento e venda a grandes empresas do sul e sudeste do país (DAVIS, 1978; FLOWERS, 1998). Ismael da Silva Leitão, era chefe do PI Pimentel Barbosa, posto mais próximo do território dos Xavante de *Marãiwatséde*, mesmo assim, a considerável distância de São Félix do Araguaia, o povoado mais próximo. “Em 1950, Ismael Leitão sugeriu ao Diretor do SPI que fosse criado um posto de atração próximo aquela cidade. Para “atender” os índios que então viviam um processo de hostilidade recíproca com a população regional” (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 1992, p. 20). Alguns ataques dos Xavante à população local sucederam a essa sugestão do chefe do posto, porém, nada foi feito pelo órgão responsável.

Em 17 de junho de 1957 ocorreu o primeiro contato dos índios de *Marãiwatséde* com o encarregado do PI, estes vieram reclamar de invasões que estavam ocorrendo em seu território “por aventureiros em busca de pedras preciosas” e da morte de dois deles por não-índios (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 1992, p. 24). Após esse fato, sucessivas invasões de suas terras começaram a ocorrer.

As invasões continuaram aumentando. Sem assistência do SPI, expostos ao contato indiscriminado com a sociedade nacional, os índios a essa altura já não moravam mais em suas aldeias tradicionais, mas em aldeias construídas nos poucos lugares de cerrado ainda imunes à invasão do “branco”. Já havia começado há alguns anos o processo de peregrinação dos índios pelo território, sempre fugindo das frentes de expansão (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 1992, p. 25)

Sucederam-se a esse contato diversas invasões às terras Xavante, tanto de posseiros como de fazendeiros, com o apoio do Governo de Mato Grosso que passou a emitir títulos aos seus compradores, mas não prestou a devida assistência aos índios, apesar da insistência constante do encarregado do PI. Até que em 1960 grande parte de seu território foi comprado por Ariosto da Riva e posteriormente pelo grupo Ometto (de São Paulo) até a deportação do grupo para a Missão Salesiana de São Marcos, com o aval do SPI. Sua autorização consta de 11 de julho de 1966, assinada por Nilo Oliveira Vellozo, então chefe do Serviço de Assistência ao Índio (SASSI):

Pela presente, fica autorizada a MISSÃO SALEZIANA SÃO MARCOS a transportar os índios Xavantes da Aldeia próximo ao São Félix, Mato Grosso, até aquela Missão, desde que os mesmos assim o desejem, ficando a permanência dos referidos índios condicionada à vontade dos mesmos. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 1992, p. 28)

Em uma análise desse período feita pelas antropólogas autoras do laudo de identificação da TI *Marãiwatséde* elas colocam que o período de contato com Ariosto da Riva foi de importantes decisões para os Xavante, que se encontravam cercados por todos os lados. Uma decisão deveria ser tomada: permanecerem isolados e continuar lutando pelo domínio de seu território ou estabelecer alianças pacíficas, que implicariam em concessões desvantajosas. Aceitaram as concessões por acharem, nesse momento, que a guerra poderia ter conseqüências ainda mais trágicas para seu povo, que já havia sofrido demais com investidas e massacres às suas aldeias. Nessa época eles haviam se dispersado em diversas aldeias como forma de defesa, mas havia contatos constantes entre elas. Ariosto propôs que todo o grupo se juntasse em uma

aldeia próxima à sede da Fazenda Suiá-Missu, onde ele teria maior controle sobre o grupo e poderia explorá-los como mão-de-obra.

A exploração e destruição, pelos não-índios, da enorme área de mata existente na região tiveram início com a chegada da Fazenda Suiá-Missu, da abertura das picadas que a delimitavam e a posterior derrubada da vegetação para a abertura de grandes áreas de pastagens. Os Xavante conviveram durante quase 6 anos com os proprietários (que iam ao local com uma certa frequência) e com os funcionários da fazenda, inclusive ajudando a abrir picadas, pastagens e fazer roça, tudo isso em troca de mantimentos. Porém, essa convivência durou pouco, pois logo foram mandados para a Missão Salesiana de São Marcos, hoje localizada no município de Barra do Garças, MT.

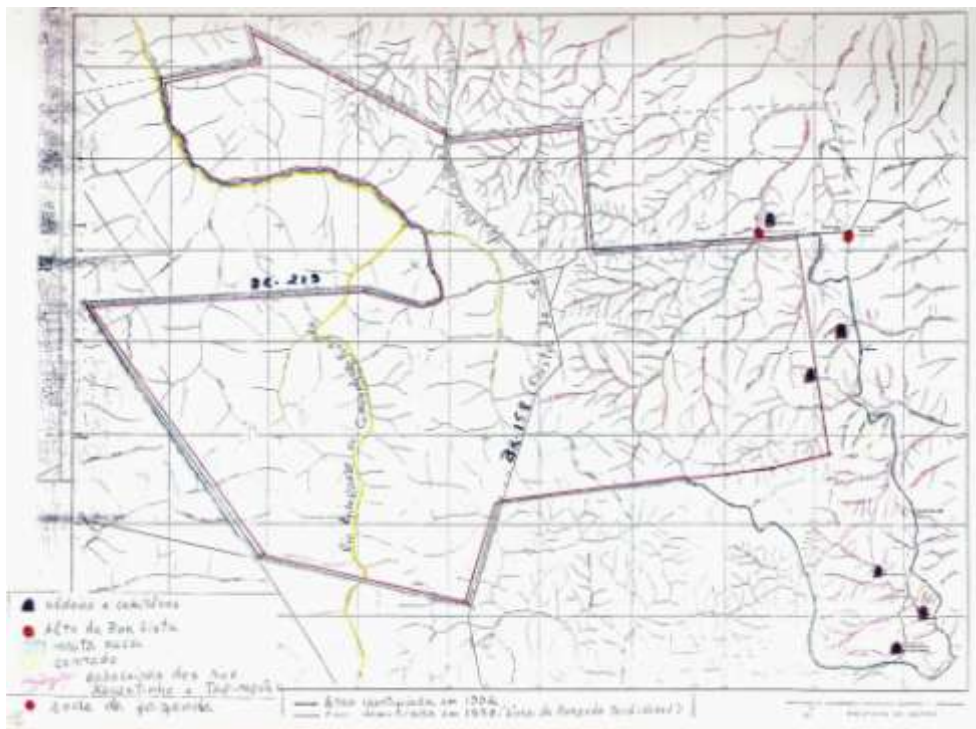
Os Xavante de *Marãiwatséde*, portanto, não chegaram a ser confinados dentro de seu território, pelo contrário, foram obrigados a viver em territórios de parentes, enquanto suas terras eram ocupadas por grandes fazendeiros, que depois da retirada dos indígenas também começaram a expulsar os pequenos posseiros. Fato muito bem relatado no relatório de identificação da TI *Marãiwatséde* (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 1992) e na Carta Pastoral de Dom Pedro Casaldáliga (CASALDÁLIGA, 1971).

Os Xavante são reconhecidamente índios que habitavam, e ainda habitam, regiões de cerrado. Bioma do qual retiram boa parte dos recursos necessários à sua sobrevivência como frutas, raízes e palmeiras, estas últimas com as quais fabricam desde cestos até a cobertura de suas casas. Todavia, adentravam constantemente na região de mata, durante muito tempo impenetrável para os não-índios, à procura de caça, peixes, frutas e material artesanal. “O rio Suiá-Missu, situa-se todo ele na região de matas, mas nem por isso deixa de ser chamado “o rio de Marãiwatséde” (Mã’rãí’wa’tse’pa), ilustrando o quanto a região de matas era e é importante para os Xavante como fonte de recursos” (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 1992).

Em 1992 um Grupo de Trabalho (GT) foi instituído pela Funai e definiu os limites da TI *Marãiwatséde* para onde os Xavante pudessem voltar. Esses limites tiveram por base três critérios:

- a ocupação tradicional da terra;
- a área necessária para a sobrevivência física e cultural do grupo;
- a situação ambiental e fundiária atual da área.

A área proposta pelo GT, com 200.00 ha é a que aparece no Mapa 2 em cor azul escuro e a homologada, com 165.241 ha, em decreto presidencial de 11/12/1998 está delimitada em vermelho:



Mapa 2: Os dois limites da Terra Indígena *Marãiwatséde*, o proposto pelo GT (em azul escuro), em 1992, e o homologado (em vermelho), em 1998.

Baseado nos critérios citados acima, o GT propôs que a maior parte da TI estivesse dentro dos limites das terras que pertenciam à Fazenda Suiá-Missu naquela época, visto que a AGIP Petrolí havia demonstrado interesse em cooperar para a resolução do caso. “Incluiu-se na área indígena apenas a parte da fazenda ainda não desmatada [...] particularmente rica em caça, peixes e produtos coletáveis” (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 1992, p. 71). Também foi incluída uma área de cerrado, fora dos limites da Suiá-Missu, onde estava localizada a antiga aldeia *Bõ’u* (urucum), muito importante para esses Xavante por possuir diversos recursos deste bioma os quais os indígenas utilizam.

Ocorreu que essa região de cerrado acabou ficando fora da área demarcada, por abranger uma região ocupada por pequenos posseiros e um aglomerado populacional, hoje o município de Serra Nova Dourada, MT. Todavia, é onde se localizavam a maioria das aldeias antigas e onde existe uma mancha de cerrado onde ainda hoje podem encontrar alguns recursos como o pati, raízes para remédios, buriti, entre outros.

Outra consequência, devido à morosidade da justiça brasileira em reconhecer a área como de ocupação imemorial indígena foi o desmatamento quase que total da vegetação da área e a extinção dos recursos que seriam essenciais para a sobrevivência física e cultural do grupo. Quando do seu retorno em 2004, as características ambientais da terra demarcada estavam seriamente comprometidas.

Após um conhecimento mais aprofundado sobre o histórico de ocupação do território tradicional de *Marãiwatséde* e de como, ao longo do tempo, os Xavante reagiram contra sua invasão pelo não-índio, fica clara a dificuldade de levantar o complexo processo de mudanças na alimentação deste grupo, visto que eles tiveram um longo movimento de peregrinação, desde que foram retirados de sua terra até o retorno ao seu local de origem e, nesse período, estiveram dispersos e sofreram interferências de diferentes realidades das mais diversas TIs de seus parentes Xavante. Todavia, o que faremos aqui será apresentar, primeiramente, um apanhado geral dos dados mais antigos disponíveis sobre os Xavante de São Marcos e Sangradouro, devido à presença da Missão Salesiana nessas terras (GIACCARIA & HEIDE, 1972, 1975a, 1975b) e dos Xavante de Pimentel Barbosa, primeiro grupo a ser estudado pelo antropólogo David Maybury-Lewis (1984). Estudos posteriores desta última comunidade foram levados a cabo por um grupo de pesquisa do projeto Human Ecology in Central Brazil em 1976/77 (FLOWERS *et al.*, 1982), e em 1994 por Flowers *et al.* (1998); Gugelmin (1995) e Santos *et al.* (1997). Já nos dias atuais encontramos, para essa mesma comunidade, um estudo de Silva (2008). Em seguida, descreveremos os dados coletados no trabalho de campo e buscaremos algumas análises acerca das mudanças alimentares desse povo, com foco nos Xavante de *Marãiwatséde*.

2.2. A alimentação até a década de 70

2.2.1. A caça

Como já citado, a caça sempre foi uma atividade muito importante para os Xavante e, por sua vez, a carne é um alimento muitíssimo apreciado e importante assunto nas conversas da comunidade (GIACCARIA & HEIDE, 1972, 54; MAYBURY-LEWIS, 1984, p.79).

A caça era uma atividade estritamente masculina para a qual estes deviam demonstrar grande habilidade. O prestígio de um homem maduro era medido por sua capacidade de caçar e prover esses recursos para a família, que esperava dele resistência, rapidez, agilidade e um profundo conhecimento do território e dos hábitos dos animais.

A caça coletiva ocorria em dois momentos: na seca e na chuva. Na seca ocorriam a caçada com fogo e o deslocamento de boa parte da comunidade por períodos de até 4 meses, já na estação chuvosa destinava-se a captura de porcos-domato, queixadas e outros animais que tem o hábito de viver em bandos⁷. As decisões sobre esses tipos de caçadas eram tomadas pelos anciões em suas reuniões diárias no centro da aldeia (o *warã*), e muitas vezes levavam dias para serem preparadas e discutidas, levando em consideração qual seria o melhor lugar para realizá-las e os relatos de onde haviam encontrado rastros de animais mais recentemente (GICCARIA & HEIDE, 1972; MAYBURY-LEWIS, 1984).

⁷ Denominadas por MAYBURY-LEWIS (1984) expedições de caça e coleta

A caçada com fogo era feita no cerrado, pela maior facilidade de avistar a caça e controlar as chamas, ateando fogo a uma extensa região de forma circular de maneira que os animais que ali estavam se sentissem acuados e buscassem uma saída em uma área que não tivesse chamas. Para isso, os homens ficavam estrategicamente posicionados nessas áreas de possíveis saídas da caça, já cansada pela corrida e atordoada pela fumaça. Nesse território havia grande possibilidade de ainda encontrar caça nos dias que se seguiam devido a rebrota das plantas do cerrado (GIACCARIA & HEIDE, 1972, p. 60; MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 86)

Quando os velhos anunciavam no *warã* sua vontade de comer muita carne ocorria o segundo tipo de caçada coletiva, aos animais que viviam em grupos, o que necessitava de um grupo maior de homens para caçá-los (GIACCARIA & HEIDE, 1972, p. 61). No dia-a-dia um grupo de homens podia decidir de uma hora para outra sair para caçar para satisfazer as necessidades diárias de suas famílias. Se, eventualmente, um homem sozinho encontrava um animal grande ou um bando deles, ele emitia um grito para chamar outros homens para ajudá-lo. Há gritos característicos para o anúncio de cada tipo de animal (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 80).

Esses autores citam a anta (animal maior, um só animal, às vezes, dá para alimentar toda a aldeia), o queixada, o porco-do-mato, o caititu e o veado como as caças preferidas dos Xavante, que também comiam tamanduás, ratos do mato, cervo, as mais diversas aves (excluindo as de rapina), porco doméstico, gado bovino, tatus, ema, seriema, papagaios e araras, cobras⁸, tartarugas e seus ovos. Durante as caçadas (que às vezes duravam um dia todo, ou dois ou três dias) os Xavante só levavam suas armas: arcos, flechas bordunas e armas de fogo obtidas após o contato. Para se alimentarem, às vezes levavam um pequeno *tsi'õnõ* (cesta) “com alguns coquinhos e hoje os imprescindíveis fósforos” (MAYBURY-LEWIS, 1984, p.82), podiam levar bolos feitos pelas mulheres ou coletavam algumas frutas, cocos e raízes no caminho, que comiam cru ou assado no próprio local. Esse era o único tipo de coleta realizado

⁸ Algumas cobras como sucuri e jararaca são até hoje apreciadas pelos anciãos.

pelos homens, por essa ser uma atividade principalmente feminina (GIACCARIA & HEIDE, 1872).

Assim que os homens voltavam de uma caçada eles deveriam repartir tudo o que haviam conseguido entre seus parentes. Normalmente, um homem caçador casado e que possui uma família, morava na casa de seu sogro e devia oferecer os frutos de seu trabalho a ele (como pagamento pelo casamento com sua filha), assim como para o restante de seus afins (sogra e cunhados). Se depois de distribuído para as famílias nucleares residentes na sua casa ainda houvesse carne, esta seria dada para os pais do caçador e depois para seus irmãos (nessa ordem). Giaccaria & Heide (1972, p. 46-52) fazem uma interessante descrição das regras de distribuição de determinadas caças de extrema importância: veado, porco-do-mato, anta e tamanduá, entre os membros de uma família e dentro do grupo.

A distribuição dentro do grupo se dava em dois momentos da vida social Xavante: 1) quando a quantidade da carne caçada era maior do que a necessária para suprir as necessidades das famílias que moravam na mesma casa e dos parentes próximos do sogro e do caçador e 2) quando mais de um caçador estava presente no momento que um animal era morto (GIACCARIA & HEIDE, 1972, p. 49-50).

No primeiro caso, toda a aldeia tinha direito a uma parte. Todos em teoria; na prática, quem chegar primeiro terá o melhor” (GIACCARIA & HEIDE, 1972, p. 50). Todos iam chegando e pedindo um pedaço de carne, a notícia ia se espalhando pela aldeia e, em poucos minutos a casa já estava lotada. Cada um recebia um pedaço e, quando a caça terminava iam saindo pouco a pouco, retornando para os afazeres que haviam deixado de lado. Já no segundo caso, o direito de propriedade sobre o animal abatido era de quem o viu e não de quem o matou, e era ele quem dela dispunha como quisesse. Todavia, a divisão das partes da caça era feita ainda por um terceiro indivíduo, o primeiro que chegou e que pertencia à metade oposta à daquele que viu, no caso do veado e do porco-do-mato e por dois indivíduos da mesma metade do primeiro que viu, no caso da anta.

O antropólogo David Maybury-Lewis esteve em São Domingos em 1958/59 e 1962, quando os Xavante ainda permaneciam boa parte da estação seca em expedições

de caça e coleta, e os padres Bartolomeu Giaccaria e Adalberto Heide coletaram seus dados em São Marcos e Sangradouro durante muitos anos até 1972, em uma época que já não eram realizadas expedições de longa duração, quando os Xavante já possuíam hábitos de vida mais sedentários. Por isso, Maybury-Lewis (1984, p. 85-86) presenciou o retorno de todo o grupo dessas empreitadas coletivas e observou que também havia uma distribuição formal da carne feita por certos homens da linhagem dominante de cada comunidade. O que ele chamou de caçada coletiva eram aquelas caçadas planejadas e dirigidas pelos homens maduros⁹, as quais propiciavam uma enorme quantidade de carne, suficiente para alimentar os homens enquanto estavam fora da aldeia e ainda toda a comunidade durante três ou quatro dias depois da sua chegada. Esse autor aponta que essas caçadas teriam uma razão econômica, pois são realizadas próximas a grandes rituais, “quando as pessoas estão ocupadas demais para obterem alimentos” através da coleta ou da agricultura, além da razão simbólica, “pois os Xavante, assim como outras tribos Jê, consideram a carne e o milho como a base de todas as prestações cerimoniais. Teoricamente, não podem ser substituídos por nenhum outro alimento de que possa, por ventura, haver excedente”. Todavia, quando este antropólogo esteve junto a esse povo, obteve notícia de alguns grupos que já não conseguiam mais obter a quantidade de caça necessária para a realização de suas cerimônias devido à invasão de seus territórios pelas frentes de colonização agropecuárias.

2.2.2 A coleta

Segundo Maybury-Lewis (1984, p.79) um pensamento errôneo sobre a alimentação dos Xavante é a de que a carne era a base de sua dieta.

Esse mal-entendido decorria do interesse que os Xavante têm pela caça e de sua paixão pela carne, que é o seu prato predileto. É plenamente justificável que se pense “que os Xavante vivem de carne”

⁹ Homens maduros são aqueles que já são padrinhos de uma classe de idade iniciada.

se se viveu a experiência de ter um grupo de Xavante pedindo insistentemente que se abatesse uma rês para eles ou se se presenciou estes índios voltando de uma caçada, cada um trazendo quase 50 quilos de carne em sua cesta e se se assistiu à “orgia carnívora” subsequente

Pelo contrário, apesar da importância que eles dão para a carne, sua principal fonte de alimentos, pois garantia diariamente boa quantidade de recursos, era a coleta de frutos, raízes, brotos e cocos realizada pelas mulheres. Isso “permite aos índios contar com recurso alimentar constante, seguro e de alto valor nutritivo, por causa dos açúcares e vitaminas” (GIACCARIA & HEIDE, 1972, p.63). Normalmente, grupos de mulheres de uma mesma casa saíam juntas para coletar, levando também as crianças, e só voltavam no final do dia

Das diversas raízes conhecidas pelos Xavante, muitas delas são até hoje desconhecidas pelos não-índios como alimentos. Maybury-Lewis (1984, p. 88) lista 7 espécies apenas na língua nativa, pois nem com os regionais nem em um laboratório em uma universidade de São Paulo pôde reconhecê-las. Giaccaria & Heide (1972, p. 65) listam 14 tipos, também no idioma Xavante e em um trabalho realizado pela Sociedade de Proteção e Utilização do Meio Ambiente (2007) em quatro aldeias da Terra Indígena Pimentel Barbosa, foram listadas 22 tipos de raízes. Quatorze dessas espécies listadas neste último trabalho são encontradas nas matas ciliares do cerrado, outras são encontradas nas matas secas, varjões, campos de murunduns, capoeiras e nas matas com taboca.



Figura 3: Crianças consumindo dois tipos diferentes de raízes (GIACCARIA & HEIDE, 1972)

A coleta de grandes quantidades dessas raízes fornecia uma dieta nutritiva ao grupo durante o ano todo, mas principalmente na primeira metade da estação seca (de abril a junho), quando os produtos da roça não eram abundantes e o que restava estava sendo guardado para determinados rituais que seriam realizados em meados do período da seca. Também durante esse período, os cocos e os palmitos constituíam a base de sua dieta alimentar. Estes eram consumidos crus ou assados nas brasas dos fornos de chão que os Xavante tinham o costume de construir.

Um coco especialmente importante para os Xavante era o coco de babaçu. Há grandes concentrações dessa palmeira (*norõwede*) nos cerrados brasileiros, os chamados babaçuais. Dela pode-se consumir o próprio palmito (*norõpó* ou *norõ'õnõ*), o seu coco, o óleo, a semente (*norõdzö*) e a polpa. Eles eram coletados regularmente por indivíduos ou grupos de Xavante que traziam grandes quantidades para a aldeia e os guardavam para comer como petiscos durante todo o dia. Esses “coquinhos são o único alimento tido como um bem “privado”. Um Xavante pode servir-se deles, retirando-os da cesta que carregam sem oferecê-los aos parentes presentes, um gesto

que nem pensariam em fazer se se tratasse de qualquer outro alimento”. Além disso, o seu suco leitoso misturado à saliva fornece um excelente cosmético que era cotidianamente usado pelos Xavante em seus corpos e cabelos. Principalmente pelos homens jovens (da classe de idade recém-iniciada), mais vaidosos que as mulheres (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 91-92).

Maybury-Lewis (1984, p. 92) cita como principais frutas coletadas pelos Xavante: a alfarroba (*Ceratonia sp.*), que ocupava um lugar central na sua dieta, de julho até o final do ano; a partir de agosto, principalmente o buriti (*Mauritia flexuosa*) e a partir de outubro (início das chuvas), o pequi (*Caryocar brasiliense*). Ele também cita a manga e o jenipapo como parte de sua dieta, assim como diversas outras frutas que não conseguiu identificar. “As frutas constituem o suprimento alimentar básico durante a estação das águas. [...] Quando os Xavante acabam de consumir todas as frutas da região que percorrem, em fevereiro e março, está na hora de dar início à colheita do milho”.

Giaccaria & Heide (1972, p. 64-65) já fazem uma descrição mais detalhada das palmeiras consumidas pelos Xavante. O acuri (*Scheelea phalerati*) ou *tiritebe*, cuja castanha é chamada *tiridzö*, o palmito de *tirinho* e a polpa de *tirire*, é a palmeira que produz o palmito mais importante. A macaúba ou bocaiúva (*Acrocomia aculeata*), *tsé*, fornece a polpa, a castanha e o próprio tronco, “do qual se tira mediante fervura, uma substância semelhante à farinha”; a pindoba (*Attalea oleifera*) e a piaçaba (*Attalea funifera*), da qual retiravam as folhas para a cobertura de suas casas. E o buriti (*Mauritia flexuosa*), da qual comiam a polpa, tanto crua como cozida, mas preferiam a polpa de outras palmeiras.



Figura 4: Criança comendo o palmito de acuri, próximo ao coco de acuri (GIACCARIA & HEIDE, 1972)

Colocamos aqui como itens da coleta a busca por insetos e por mel, este último muito apreciado pelos Xavante. Segundo Giaccaria & Heide (1972, p. 66) os insetos eram consumidos principalmente pelas mulheres e crianças. Eram exemplos de insetos apreciados por eles: larva de abelha, as formigas vermelhas (*rãti*), os gafanhotos e alguns coleópteros. Já a coleta do mel dava-se principalmente pelos homens, pois as colméias geralmente se localizavam em locais de difícil acesso. Os Xavante identificavam dez tipos de abelhas (a maioria delas sem ferrão e diferiam-nas quanto à qualidade do mel. (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 83).

Observem a descrição de Giaccaria & Heide (1972, p. 66) de como os Xavante coletavam o mel.

Os Xavante gostam muito do mel, mas se limitam a recolher este produto de dez espécies de abelhas. Se o favo se encontra preso em um ramo, este é retirado; se, ao contrário, está no oco de uma árvore, corta-se a mesma; depois se providencia a expulsão das abelhas com fogo e, finalmente, toma-se a colméia, que é colocada num cesto feito no momento.

Maybury-Lewis (1972, p.83-84) observou, em época anterior, que os Xavante abriam as colméias o mais rápido que podiam e comiam “o seu conteúdo, com abelhas

e tudo”. O mesmo faziam com os cupins, pois se alimentavam da secreção pegajosa que os envolve e a ela referiam-se com o mesmo termo de designavam o mel, *ĩpnĩ*.

2.2.3. *A agricultura*

Ao analisarmos os dados coletados tanto por Maybury-Lewis (1984) quanto por Giaccaria & Heide (1972) prontamente observamos o crescimento da importância da agricultura para esse povo ao longo dos anos. Maybury-Lewis esteve junto aos Xavante em 1958/59 e 1962 e Giaccaria & Heide apresentam dados acumulados de suas vivências entre os Xavante desde 1958 até a publicação do seu livro em 1972. Ao longo desse período é nítida uma maior dependência com relação à agricultura.

É importante frisar que o relato do primeiro autor citado é referente a um grupo “caracterizado como o “mais tradicional”. Trata-se de comunidades cujo contato com a sociedade nacional foi, via de regra, mediado quase que exclusivamente pelos organismos oficiais: SPI e Funai” e o dos segundos autores “o traço mais marcante, e que os diferencia das demais é a presença da missão salesiana, à exclusão de representantes locais do órgão oficial”, segundo a classificação das comunidades Xavante proposta por Lopes da Silva (1986, p. 31-44).

Maybury-Lewis (1984, p. 93) classifica os Xavante como lavradores não muito eficientes e descreve que estes “costumavam dedicar às suas roças apenas três semanas, no máximo, um mês por ano: aproximadamente uma semana para limpar o terreno e plantar, uma semana para colher o milho e mais uma semana para a colheita de feijão e da abóbora”. Já Giaccaria e Heide (1972, 69-71) relatam que um período maior de tempo era gasto para se realizar as atividades agrícolas. A colheita era realizada de fevereiro a maio, quando logo se iniciava a limpeza do terreno. Se uma família extensa resolvia abrir uma nova área de roça na mata ela deveria iniciar seu trabalho logo em maio, pois este era um trabalho longo e cansativo, que se prolongaria por semanas inteiras. Quando os moradores da aldeia retornavam das expedições de caça que realizavam de julho até metade de setembro, começavam a capinar suas

roças, preparadas anteriormente, até que chegasse a primeira grande chuva para iniciarem os plantios.

Ambos os autores citam que a tarefa de preparar a roça era principalmente do homem, que fazia o trabalho mais pesado, e a mulher ajudava cortando os galhos menores das árvores e juntando-os para que posteriormente pudessem servir de combustível para a queima das árvores maiores (que às vezes demoravam alguns anos para desaparecerem por completo da roça e aos poucos irem sendo carbonizadas e fornecendo adubo para os cultivos). Já o plantio era a mulher quem realizava, sendo que o homem ia à frente cavando os buracos e era a mulher quem semeava. Geralmente, famílias inteiras iam para a roça. Maybury-Lewis (1984, p. 93) cita que os cultivos, no grupo que ele conheceu, ficavam a um dia de caminhada da aldeia e normalmente o grupo todo se deslocava até lá durante as semanas de trabalho na roça. Os anciões tinham, na maioria das vezes, diversos genros para lhe ajudar, então havia uma troca: os casais mais novos faziam a roça, já o sogro fabricava armas para os genros e a sogra cuidava dos netos (GIACCARIA & HEIDE, 1972, p. 69). A colheita era realizada apenas pelas mulheres.

Os principais produtos da roça, para Maybury-Lewis (1984), eram o milho, o feijão e a abóbora. Já para Giaccaria & Heide (1972) eram o milho, o feijão, a mandioca, a abóbora e as batatas. Para ambos, esses produtos eram importantes principalmente para a época dos rituais, quando os Xavante não podiam sair da aldeia para realizarem a caça e a coleta. Maybury-Lewis (1984) não presenciou nenhum ritual relacionado à roça, já Giaccaria & Heide (1972) cita duas celebrações antes do plantio, uma para pedir aos mortos as sementes e outra para pedir a chuva (celebrada pelos “donos do tempo”).

O milho era a mais importante espécie cultivada pelos Xavante. Dele derivavam diversos alimentos como a farinha, com a qual faziam uma sopa; comiam-no cru ou cozido. Mas, o mais importante era o bolo de milho, assado nas cinzas e utilizado na maioria dos rituais e nas trocas cerimoniais, como um importante recurso simbólico do sistema da reciprocidade. Além disso, era um alimento fácil de carregar quando saíam para caçar ou coletar. Maybury-Lewis (1984, p. 94) observou que “os dois estágios

mais importantes da cerimônia da iniciação [dos adolescentes], em 1958, aconteceram na época da colheita do milho e na época da colheita do feijão e da abóbora respectivamente” (Anexo 1).



Figura 5: Bolo de milho tradicional Xavante (GIACCARIA & HEIDE, 1972)

Giaccaria & Heide (1972, p. 77) descrevem a fabricação de um bolo de milho pelas mulheres:

Para obter um bolo de milho, a mulher deve antes de tudo socar os grãos no pilão, peneirar o produto obtido e, depois socar uma outra vez até conseguir farinha homogênea (o mesmo tratamento é feito com o feijão muitas vezes consumido em forma de farinha). O bolo, às vezes, é feito somente com farinha de milho, às vezes, com farinha de milho e feijão. Para amassar a farinha – ou as farinhas – a cozinheira utiliza como recipiente um couro de veado estendido por terra e mexe a massa, acrescentando pequenas doses de água e farinha até obter um composto homogêneo, que, depois, é separado em pedaços pequenos, prontos para serem levados ao forno, isto é, assar...

Os Xavante cultivavam 7 variedades de milho, que denominam de *nodzö*, diferente do milho duro do branco, que chamam de *waru*. São elas:

milho branco - *Nodzöb´a*
milho amarelo – *Nodzö´udzé*
milho alaranjado – *Nodzö´udzé*
milho vermelho – *Nodzö´pré*
milho preto – *Nodzö´mrãri*
milho roxo – *Nodzö´mrã*
milho alaranjado listrado de vermelho – *Nödzo´wawaií*



Figura 6: Diversidade de milhos Xavante (GIACCARIA & HEIDE, 1972).

Além das espécies já citadas como cultivadas nas roças Xavante, eles também cultivavam “em seu estilo fortuito [...] o algodão de que necessitavam para a confecção

dos ornamentos cerimoniais” (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 94) e o urucum para as pinturas corporais (GIACCARIA & HEIDE, 1972, p.70). É interessante frisar que eles guardavam as sementes necessárias para o plantio de um ano para o outro.

Cada grupo doméstico devia tomar a responsabilidade de guardar seu próprio estoque de milho para semente, numa pequena cesta de trama bem fechada, seu estoque de sementes de abóbora s numa cabaça bem fechada e seu próprio estoque de feijão em um recipiente similar. Essas sementes eram guardadas cuidadosamente pelos membros de cada grupo doméstico para o plantio da estação chuvosa no ano seguinte

2.2.4. A pesca

A pesca era a atividade de subsistência menos importante para os Xavante. Estes não se apresentavam como exímios pescadores nem conheciam técnicas elaboradas para a pesca antes do contato. Tampouco tinham um íntimo contato com os rios no sentido de dali retirar os recursos necessários para a sua sobrevivência, como acontece com os seus vizinhos Karajá, que é um povo do rio, essencialmente pescador.

A partir do contato, os Xavante passaram a ter conhecimento de outras técnicas de pesca, quer fosse com os sertanejos da região, com os funcionários do SPI ou das missões, ou com outros exploradores de suas terras. Maybury-Lewis (1984, p. 97) cita a pesca com o tinguí (*Mascagnia sp.*) como uma nova técnica adquirida com os sertanejos da região e os anzóis e a linha, normalmente trocados com não-índios por tarefas ou como presente. Já Giaccaria e Heide (1972, p. 67) citam novas habilidades com o manuseio das flechas, com as quais passaram a pescar maiores quantidades de peixes e a dedicarem mais tempo a essa atividade.

Tradicionalmente, não havia nas proximidades das terras onde os Xavante construía suas aldeias grandes rios piscosos. Após sua maior aproximação dos PIs de atração, alguns grupos passaram a construir suas aldeias próximas a estes locais que os não-índio haviam escolhidos para permanecer, pois eram de fácil acesso pelo rio e possuíam melhores terras para a agricultura. Nesses locais era possível prover alimentos para a comunidade apenas por pouco tempo, seguindo as atividades de

subsistência tradicionais, mas, com as novas técnicas apresentadas pelos brancos era possível conseguir um bom suprimento de peixes, que os alimentava e ainda lhes permitia permanecer mais tempo próximo ao PI, que neste momento já era uma importante fonte de recursos (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 97-98), como veremos adiante.

2.3. *Efeitos do contato na subsistência Xavante (anos 80-90)*

Em 1976/77, Flowers *et al.* (1982) estiveram em Pimentel Barbosa para um estudo comparativo de quatro grupos indígenas Macro-Jê do Brasil Central: os Mekranoti Kayapó, os Xavante do Posto Pimentel Barbosa, os Kanela (Timbira orientais) e os Bororo do Posto Gomes Carneiro. Tradicionalmente, todos esses povos viviam no cerrado, eram caçadores e coletores e tinham uma agricultura incipiente: importante somente em uma época do ano, quando produziam uma variedade reduzida de produtos. Todos eles foram sendo empurrados para o norte pelas frentes de colonização. Os Kanela e os Kayapó hoje vivem em regiões de mata tropical, os Xavante permaneceram no cerrado e os Bororo mudaram-se para uma área de várzea próxima ao Pantanal.

Flowers *et al.* (1982) observaram que todos esses grupos, após o contato mais intensivo com a sociedade nacional, passaram a depender mais da agricultura e a dedicar mais tempo a ela. Além disso, todos adotaram novas culturas agrícolas, que se tornaram suas mais importantes fontes de alimento. Para os Bororo e Xavante foi o arroz e para os Kanela e Mekranoti foi a mandioca brava.

O cultivo e o consumo de arroz foi introduzido entre os Xavante nos anos 60, e logo se tornou uma das principais culturas, juntamente com o milho, que continuava sendo um de seus principais alimentos produzidos na roça. Nesse estudo, também foi encontrada nas suas roças uma maior diversidade de cultivos além do arroz: mandioca doce, inhame, mamão, banana, milho duro (*waru*) e algodão, além dos já conhecidos milho, feijão e abóboras.

Quanto aos hábitos de caça e coleta, os Xavante ainda dependiam, para conseguir uma dieta diversificada, da coleta de recursos vegetais (raízes, cocos, frutas, tubérculos, etc.) que eles ainda encontravam no cerrado durante boa parte do ano. Todavia, já se encontravam confinados em uma reserva de extensão menor do que o seu território tradicional e não passavam mais de um mês em expedições de caça e coleta, nas quais ainda realizavam a caçada coletiva com fogo na estação seca.

Análises de solo das matas de galeria utilizadas pelos Xavante de Pimentel Barbosa apresentaram altos índices de nutrientes. Em seu segundo ano de uso, as roças de toco tinham concentrações maiores de nutrientes do que a floresta ao redor. Para Harris (1971, p. 495, *apud* Flowers *et al.*, 1928, p.211-212) “o cultivo de sementes na roça de toco é mais eficiente em regiões onde uma longa estação seca permite que a vegetação derrubada seque inteiramente antes de ser queimada”. Os Xavante de Pimentel Barbosa ainda tinham uma terra em condições ambientais favoráveis para o cultivo nas roças de toco.

Flowers *et al.* (1982, p. 212) puderam verificar que 61% das calorias da dieta dos Xavante provinham do arroz produzido por eles nas roças e que eles ainda produziam um pequeno excedente que vendiam no mercado regional. Com o dinheiro obtido dessa venda, mais o salário que alguns homens obtinham em trabalhos temporários na colheita de arroz em fazendas vizinhas, eles adquiriam os objetos agora necessários como ferramentas, munição, roupas e outros. Já o consumo de proteína animal entre os Xavante havia diminuído bastante devido à diminuição da disponibilidade de caça, o que eles vinham compensando pelo consumo de proteína vegetal (obtidos principalmente do consumo de arroz e feijão).

Em 1994, alguns pesquisadores desse mesmo grupo de pesquisa que estiveram em Pimentel Barbosa em 1976/77, retornaram para a realização de novos estudos. Durante esse período um importante fato ocorreu na vida dos grupos Xavante, em geral. Foi o “Plano Integrado de Desenvolvimento da Nação Xavante” implantado pela Funai, mais conhecido como Projeto Xavante. Nas palavras de Lopes da Silva (1992, p. 376)

O plano da FUNAI significava utilizar a mão-de-obra e as terras xavante para a implantação de rizicultura mecanizada em larga escala para a produção de excedentes comercializáveis. Tratava-se de tornar as terras indígenas “produtivas” e “rentáveis” por meio da introdução da “tecnologia moderna”, de “investimentos de capital”, dos conhecimentos científicos” e do “desenvolvimento econômico”, tudo nos moldes mais perfeitamente capitalistas ao gosto dos governos militares pós-64. O objetivo final, tal como formulado oficialmente, era propiciar aos índios uma atenção especial à saúde e à educação formal e, principalmente, a auto-suficiência econômica, através da criação de um capital de giro próprio com que as “comunidades” indígenas cobririam elas mesmas suas despesas de manutenção, liberando o orçamento do governo federal dessa incumbência.

As pressões junto à FUNAI, tanto dos Xavante, que realizavam visitas periódicas à sede em Brasília para reivindicar a ampliação e a demarcação de suas terras, quanto do governo, que representava a ideologia dominante do progresso e do desenvolvimento econômico que pressionava para que as reservas indígenas fossem “produtivas”, fizeram com que a Funai arquitetasse, sem a participação dos índios, esse projeto (FLOWERS *et al.*, 1998, p. 21; LOPES DA SILVA, 1992, p. 376; SANTOS *et al.*, 1997, P.557).

O Projeto Xavante foi implantado primeiramente em Areões, no ano de 1974, e nos anos posteriores expandido para as outras reservas xavante (MENEZES, 1982, *apud* SANTOS *et al.*, 1997). Porém, não durou até o final da década de 80. Em meados desta década a Funai já estava deixando de financiá-lo, pois o projeto se mostrou economicamente inviável e politicamente um fracasso. O objetivo de integrar os indígenas à economia capitalista regional foi um fiasco e as atividades complementares de assistência à saúde, saneamento, educação e o treinamento técnico para que os próprios Xavante dessem continuidade ao projeto não foram implementadas.

O cultivo mecanizado de arroz em larga escala no cerrado, como proposto nesse projeto, mostrou-se inviável, pois para manter a produção em níveis desejáveis era preciso um grande aporte de insumos e capital. A manutenção das máquinas agrícolas e o combustível necessário representava um enorme gasto. Tudo isso fez com que o objetivo de auto-sustentação dos indígenas não fosse alcançado (SANTOS *et al.*, 1997,

p.558). Além disso, nessa mesma época, as grandes fazendas de arroz existentes na região mudaram-se dali ou começaram a produzir soja ou criar gado, que passaram a ser as principais atividades da região (FLOWERS *et al.*, 1998, p. 22).

Tudo isso representou profundas mudanças na vida dos Xavante de Pimental Barbosa. Graham (1995, p. 44-47 *apud* SANTOS *et al.*, 1997, p. 557) aponta que essa comunidade se envolveu profundamente com o projeto de rizicultura e que em 1979 eles colheram 90 toneladas de arroz. Essas roças eram comunitárias, “estranhas e desagregadoras em relação aos padrões próprio dos Xavante” (MENEZES, 1982, p. 84 *apud* LOPES DA SILVA, 1992, p. 377), que tradicionalmente faziam roças familiares e tinham suas regras específicas de distribuição do excedente.

Já em 1976/77, antes do início do Projeto Xavante, dados de alocação de tempo mostravam que os homens Xavante dedicavam 70% do tempo utilizado nas atividades de subsistência¹⁰ para agricultura e as mulheres, 76,7%. A pesca era a segunda atividade de subsistência para a qual dedicavam o maior tempo (para os homens), o que para as mulheres era a coleta. Já em 1994, parecia que os Xavante tinham voltado mais ao seu modo de vida “tradicional”, dedicando-se relativamente menos tempo para a roça e mais tempo para a caça e para a coleta (SANTOS *et al.*, 1997, p.553-554).

Observe a tabela abaixo:

Tabela 4: Alocação de tempo dos Xavante de Pimental Barbosa, adultos, nas atividades de subsistência, em 1976/1977 e em 1994, de acordo com o sexo.

| Atividades | Homens (%) | Mulheres (%) |
|-------------------|-------------------|---------------------|
| 1976/1977 | | |
| Caça | 14,0 | 0,0 |
| Pesca | 16,0 | 7,0 |
| Coleta | 0,0 | 16,3 |
| Agricultura | 70,0 | 76,7 |

¹⁰ Entende-se aqui como atividades de subsistência a caça, a pesca, a coleta e a agricultura.

| | | |
|-------------|------|------|
| 1994 | | |
| Caça | 25,7 | 0,0 |
| Pesca | 34,3 | 7,7 |
| Coleta | 0,0 | 26,9 |
| Agricultura | 40,0 | 65,4 |

Adaptado de Santos *et al.* (1997, p. 553)

Também quanto à dieta, apresentava-se uma melhora. “Na década de 90 os Xavante estão comendo menos arroz e mais mandioca doce do que comiam em 1976/1977; cocos e raízes coletadas são também mais frequentes na sua dieta hoje do que na década de 70”. Santos *et al.* (1997) e Flowers *et al.* (1998) atribuem essa mudança ao fim do Projeto Xavante e a conseqüente diminuição do tempo necessário para o trabalho dedicado ao cultivo do arroz, que agora era plantado somente na roça de toco em menor quantidade. Importante também para essa mudança foi o acesso que os Xavante passaram a ter aos meios de transportes, que agora podiam transportá-los para locais mais afastados do seu território onde podiam encontrar mais caça e peixes. A pesca foi cada vez mais aumentando de importância para os Xavante.

O acesso a essa tecnologia, porém, era quase que exclusivo aos homens, que utilizavam um caminhão para se deslocar a regiões que tivessem caça ou pesca disponível, como nas proximidades do Rio das Mortes, onde havia muito peixe, ou para sua roça coletiva que distava da aldeia cerca de 5km. Todavia, “a maioria das roças familiares não eram acessíveis de caminhão e geralmente as mulheres caminhavam longas distâncias para trazer os produtos da roça para a casa” (SANTOS *et al.*, 1997, p. 559).

Gugelmin (1995, p. 78) cita que em 1994 não foi encontrada “uma variação sazonal tão pronunciada para caça, pesca e coleta”, ocorrendo apenas uma maior variação nos itens consumidos. Na seca: raízes e cocos e na chuva: cocos, carne e frutos silvestres. Isso provavelmente deveu-se ao fato de em 1976/77 os Xavante não possuírem a “facilidade de transporte que possuíam em 1994, com conseqüências para

a mobilidade do grupo, que podia chegar a regiões outrora inacessíveis por causa das chuvas

A maior articulação com a economia de mercado, como era previsto no Projeto Xavante, não foi obtida através da transformação destes indígenas em pequenos agricultores, mas através de outras formas que eles mesmos foram galgando ao longo do tempo, como a articulação política com outras organizações indígenas, organizações não-governamentais (ONGs) e pela venda da sua imagem como grupo étnico diferenciado e também ligado à proeminente questão ambiental (GUGELMIN, 1995, p. 106). Santos *et al.* (1997, p. 552-553 e 559) destacaram a dificuldade de medir o tempo gasto pelos Xavante de Pimentel Barbosa em atividades relacionadas ao mercado em 1994. Esse dado, em 1976/77, foi medido pelo tempo de permanência nas fazendas, onde os homens realizavam trabalhos temporários e pelo tempo de envolvimento nas atividades na roça destinada à venda, e não à subsistência. Já em 1994, as atividades relacionadas ao mercado assumiram formas como: salários dos funcionários da Funai, aposentadorias, arrendamento de pasto, venda de gado da comunidade, aporte financeiro de um projeto de “desenvolvimento sustentável” vinculado a uma ONG, vendas de artesanatos e vendas de uma fita e um CD dos Xavante cantando.

Apesar dos ganhos que se pôde aferir com os dados coletados, observou-se que “a comunidade continua carente de serviços básicos de educação e saúde. Essa situação resulta na frágil saúde das crianças, em particular, incluindo altas taxas de mortalidade infantil, deficiências no desenvolvimento físico e, em geral, a altas taxas de morbidade devidas principalmente a doenças parasitárias (SANTOS *et al.*, 1997, p.561)

Santos *et al.* (1997) citam um aumento de 2% para 9% de consumo de alimentos comprados na cidade. Gugelmin (1995, p. 80) apresenta nos dados coletados os seguintes alimentos industrializados consumidos pelos Xavante: café, açúcar, farinha de trigo, sal, óleo de soja, suco em pó, leite em pó, balas e biscoitos. O aumento, mesmo que pequeno, dessa porcentagem parecia estar relacionado à maior facilidade de acesso às cidades devido à disponibilidade de veículos motorizados e ao

recebimento de aposentadorias e salários (majoritariamente gastos na aquisição de alimentos). O açúcar refinado e a farinha de trigo passaram a ser utilizados na confecção de pães, utilizados na cerimônia de iniciação dos adolescentes, na qual antigamente utilizava-se o bolo feito de milho. Como consequência de um maior consumo de produtos ricos em carboidratos, como açúcar refinado, biscoitos e pães, parece ter havido um “aumento nas frequências de doenças periodontais em Rio das Mortes [aldeia do Posto de Pimentel Barbosa]” (POSE, 1993 *apud* GUGELMIN, 1995, p. 103).

Os dados apresentados por Gugelmin (1995) também demonstram uma maior diversificação de itens cultivados na roça de toco: arroz, milho, feijão, abóbora, mandioca, abacaxi, banana, laranja, mamão, manga; a criação de alguns animais domésticos: galinha (ovos) e gado; uma maior quantidade de produtos coletados, se comparados com os dados de 1976/77: acuri (*tirirê*), babaçu (*nõrõre*), jatobá (*a'õ*), macaúba (*a'õdo*), bacaba (*wa'a*), baru, buriti (*udzu*), mangaba (*ritó*), raízes e outros (mel, *tsé*) e aumento da caça e pesca: tatu, anta, tamanduá bandeira, jabuti, veado, porco do mato, peixes.

2.4. *A alimentação dos Xavante nos dias atuais*

Silva (2008) realizou em 2006/2007 um trabalho de mestrado na aldeia *Wedê'rá*, da TI Pimentel Barbosa, atualmente uma das 6 aldeias existentes nessa TI, que possui uma população total de 1700 pessoas. A aldeia *Wedê'rá* foi criada em 1997 e no momento do estudo possuía uma população total de 57 pessoas distribuídas em 7 casas.

Esse autor relata suas observações sobre as atividades de subsistência desses Xavante e analisa as mudanças alimentares ocorridas no pós-contato, de maneira semelhante ao objetivo apresentado neste trabalho. É de extrema importância, portanto, essa dissertação, pois retrata como subsiste hoje uma parcela da população daquele mesmo grupo estudado pelos autores até agora citados, ou seja, traz dados

muito atuais que podem servir de referencia para este estudo realizado na TI *Marãiwatséde*.

No seu relato, apresenta que essa comunidade é pouco dependente da pesca, pois se localiza longe de rios piscosos. Todavia, quando os homens podem, deslocam-se até o Rio das Mortes de carro e carregam consigo um barco existente na aldeia, para pescarem uma boa quantidade de peixes frescos que possam levar para suas famílias.

A caça ainda é realizada pelos homens, inclusive os mais jovens, de forma individual e coletiva, principalmente a caçada com fogo na época da seca. O autor reconhece, no entanto, a gravidade do uso descontrolado do fogo dentro da problemática ambiental atual. “O uso do fogo em épocas não adequadas prejudica a floração de espécies e faz com que os animais fujam para locais distantes da aldeia” (SILVA, 2008, p. 37). Ocorre que, muitas vezes, o grupo perde o controle do fogo, que acaba queimando uma área maior do que a determinada. Outra mudança observada foi que não se usa mais a relação com a constelação, *Tsiruru*, que aparece na época da seca e que informava aos velhos que a caçada com fogo deveria ser realizada.

“As caçadas individuais ainda são realizadas pelos genros, o que fortalece a característica cultural da matrilocidade” (SILVA, 2008, p. 38) e, quando algum animal apreciado é localizado, outros homens são chamados para auxiliar na caçada. Alguns homens possuem armas de fogo, com as quais caçam, porém, continuam utilizando os instrumentos tradicionais de caça (arcos, flechas e bordunas). Puderam-se observar, também, mudanças nas regras de divisão da carne. “Quando um animal é morto a divisão da carne é feita por quem o matou ou ele pede para alguém fazê-la. Quem divide consulta aos demais caçadores sobre a parte preferida ou distribui as partes conforme seu juízo” (SILVA, 2008, p. 39).

Diferentemente do que previram Flowers *et al.* (1982) ainda hoje há caça na TI Pimentel Barbosa, provavelmente devido ao fato de a área da reserva ter sido aumentada em 1994, de cerca de 200.00 ha para 328.966 ha e ainda existir a vegetação do cerrado, mesmo que nem toda a área seja hoje explorada intensamente pelos Xavante, que já não realizam expedições de caça e coleta como realizavam antigamente, caminhando. Hoje eles saem da aldeia principalmente de carro.

Quanto à coleta, “as mulheres não a realizam mais com frequência” (SILVA, 2008, p. 40) “nem tampouco tem a mesma importância como base alimentar, [...] realizam apenas quando não há outra fonte de alimento” (*idem, idem*). Em uma tabela apresentada por Silva (2008, p. 42-43) encontramos 61 espécies de plantas de conhecimento dos Xavante para a alimentação, o que não garante o seu consumo frequente, como colocado acima. Atualmente, as mulheres realizam a coleta quando estão se deslocando para as roças e quando vão de carro para locais que sabem onde encontrar determinadas espécies em grandes quantidades como o baru e o pequi. Essa é considerada uma forma de coleta coletiva. Ocorre que, atualmente, as mulheres só vão a locais onde sabem que vão encontrar determinadas espécies, principalmente próximas à estrada, o que compromete um conhecimento mais aprofundado do seu território e a transmissão de determinados conhecimentos para as gerações mais novas (SILVA, 2008, p. 41). A diminuição drástica da prática da coleta também vem contribuindo para o aumento dos casos de doenças relacionadas à má alimentação (desnutrição, anemia, diabetes, pressão alta, colesterol) e na mudança do papel desempenhado pela mulher naquela sociedade, pois, as mulheres não são mais provedoras de importantes alimentos, apenas pelo seu preparo. Estes foram substituídos, ao que tudo indica, pelo arroz, pela compra de itens industrializados e pela merenda escolar (SILVA, 2008, p. 88).

Quanto à agricultura, é realizada tanto em roças coletivas¹¹ quanto familiares. Nessa atividade, também, o papel da mulher vem mudando. Elas eram responsáveis pelo plantio do milho (base da alimentação Xavante na época das chuvas e dos rituais), mas hoje essa função também é cumprida pelos homens, e o milho perdeu sua importância para o arroz que se tornou a base da alimentação dos Xavante e que pode ser armazenado durante todo o ano. Silva (2008, p. 84) chama a atenção para o fato dos homens xavante terem assumido o papel da mulher e o contrário não ser verdadeiro, porque a caça só é realizada pelos homens.

¹¹ As roças coletivas parecem resistir nessa aldeia mesmo depois do fim dos projetos produtivos ali realizados porque essa é uma aldeia pequena e praticamente todos os moradores possuem estreitos laços de parentesco ou são de uma mesma facção.

Silva (2008, p. 44) cita a atual importância dos quintais para os Xavante, que tradicionalmente não tinham o costume de cultivar uma grande quantidade de espécies em suas roças, tampouco ao redor das casas. Hoje essa realidade mudou como podemos observar na Figura 7, que apresenta a diversidade de espécies cultivadas nos quintais das casas da aldeia *Wedé'rá*.

| Espécies encontradas na roças coletivas | | | | |
|------------------------------------------------|----------------|----------|---------------|---------------------------|
| Abacaxi | Abóbora | Arroz | Algodão | Banana |
| Batata-doce | Cana-de-açúcar | Milho | Carás nativos | Erva-cidreira em folha |
| Feijão Xavante | Mamão | Melancia | Milho Xavante | Palmeiras nativas |
| | | Urucum | | |

| Espécies cultivadas nas roças familiares | | | | |
|-------------------------------------------------|---------------|----------|----------------|----------------|
| Abacaxi | Abóbora | Araticum | Banana | Cana-de-açúcar |
| Milho Xavante | Algodão | Urucum | Feijão Xavante | Caju |
| Melancia | Feijão-guandu | Jatobá | Mandioca brava | Batata-doce |

| | | | | |
|-----------------------------------------|---------------|--------------------|-----------------|----------------|
| Mamão | Melancia | Milho | Arroz | |
| Espécies cultivadas nos quintais | | | | |
| Abacaxi | Abóbora | Caju | Coco | Baru |
| Batata-doce | Amendoim | Erva cidreira | Palmeira nativa | Jatobá |
| Cabaça | Laranja | Cará | Macaúba | Mandioca brava |
| Milho Xavante | Limão | Manga | Melancia | Pequi |
| Babaçu | Urucum | Algodão Xavante | Mandioca doce | Cana-de-açúcar |
| Gengibre | Carás nativos | | | |

Figura 7: Espécies cultivadas nas roças coletivas, roças familiares e quintais, respectivamente, na aldeia *Wede'rá*. (SILVA, 2008, p. 46-50)

Observa-se uma grande diversidade de espécies cultivadas nos quintais das casas, inclusive maior do que nas roças. Essa parece ser uma atividade potencial para a melhoria da alimentação Xavante. Silva (2008, p. 88) propõe a introdução de técnicas agroecológicas nestes locais e o plantio de maior diversidade de espécies nativas e exóticas de interesse da comunidade com diferentes épocas de frutificação.

Silva (2008, p. 54-57) também observou o aumento no consumo de produtos comprados na cidade. Os indígenas vão para a cidade com uma regularidade semanal e fazem compras, utilizando suas aposentadorias e salários¹². Esse consumo de alimentos industrializados acaba por não suprir as necessidades nutricionais presentes nos alimentos que provinham da coleta, como vitaminas e minerais, sendo principalmente ricos em carboidratos e açúcares, aumentando os problemas de saúde na comunidade, como já relatado.

¹² Havia na aldeia uma escola cujos professores são indígenas e um agente de saúde.

Tabela 5: Alimentos industrializados comprados pelos membros da aldeia Wede´rã.

| Itens comprados na comunidade de Wede´rã (2005-2007) | | | | |
|-------------------------------------------------------------|----------|--------------|----------|----------|
| Açúcar | Alho | Café | Banana | Balinha |
| Feijão | Arroz | Cebola | Limão | Farinha |
| Extrato de tomate | Macarrão | Frango | Melancia | Laranja |
| Sal | Óleo | Carne bovina | Pão | Mexerica |
| Pipoca | | | | |

2.5. *A alimentação em Marãiwatséde no ano de 2009*

A seguir, apresentaremos os dados coletados em campo no ano de 2009 e discutiremos, baseado na revisão da literatura, as mudanças alimentares e suas conseqüências para este povo no momento atual.

As atividades de subsistência praticadas atualmente pelos Xavante de *Marãiwatséde* são a caça, a pesca, a coleta, a agricultura, a criação de alguns animais domésticos e o cultivo nos quintais. Ocorre também a compra de alimentos industrializados nas cidades mais próximas, para onde vão regularmente receber seus salários e aposentadorias. A carne de peixe é hoje muito apreciada pelos Xavante, porém, na área que ocupam atualmente não existem grandes rios que possam supri-los satisfatoriamente desse recurso. A agricultura também cumpre um papel crucial na subsistência do grupo. Das 74 casas existentes na aldeia, apenas em 4 delas as famílias não se dedicaram à roça no ano agrícola de 2008/2009. Os velhos dedicam boa parte de seu tempo para a derrubada da mata, queima, limpeza, plantio e colheita nas roças de tóco. O cultivo de árvores frutíferas e alguns outros itens nos quintais também se tornou uma fonte de recursos certa e de boa qualidade para a alimentação.

No caso de *Marãiwatséde*, temos um sério agravante com relação à questão colocada pelos principais autores aqui estudados. Esses artigos questionam se na atual situação territorial dos Xavante existem recursos suficientes para a sobrevivência do

grupo. Como colocado acima, quando retornaram para a sua terra, ela se encontrava totalmente desmatada e transformada em pasto, com os solos degradados e os recursos escassos.

Sua primeira atitude foi começar a plantar mudas de árvores frutíferas onde construíram a aldeia, atrás das casas. Depois, com o início das chuvas, começaram a derrubar a mata da beira dos rios em volta da aldeia e cultivar as roças de toco. Algumas ajudas externas ocorreram, como a compra de uma grande quantidade de arroz pela Funai, da qual parte das sementes foi utilizada para o plantio nas roças de toco e a outra os manteve até o início da colheita do arroz por eles cultivado. A Funai iniciou, no final de 2005, um plantio mecanizado de arroz, que se mantém até hoje e é de extrema importância para que os Xavante tenham pelo menos o arroz para se alimentar durante o ano. Também teve início um projeto da Carteira Indígena/MMA com o qual puderam adquirir diversas mudas e estruturar a rede de captação de água para a aldeia.

Depois de alguns comentários iniciais, passemos agora à descrição das atividades de subsistência observadas na aldeia *Marãiwatséde*. As crianças, adolescentes, homens e mulheres pescam peixinhos que encontram nos pequenos rios ao redor da aldeia e na represa que fornece água à mesma. Realizam essa atividade com anzol e linha ou com peneirinhas. Esses peixes são consumidos fritos, puro ou com arroz. Quando o caminhão existente na aldeia está funcionando bem eles organizam viagens a rios maiores da região onde pescam maiores quantidades de peixes. Isso não aconteceu nenhuma vez no tempo que a pesquisadora permaneceu na aldeia, provavelmente devido ao fato desse caminhão ter ficado praticamente toda a estação seca com problemas mecânicos. Os Xavante, hoje, são grandes apreciadores da carne de peixe, que também compram na cidade.

A caça ainda é praticada pelos homens, mas não na mesma frequência que era antes. Alguns homens na faixa de 35/40 anos são considerados bons caçadores e saem à noite para caçar. Apesar de esporádica, os Xavante ainda dão muita importância à caça e abatem um animal que apreciam sempre que o encontram. Isso ocorre normalmente com a anta, tatu, veado, porco-do-mato, tamanduá, perdiz, arara e outras

aves. Acredito que a caça não seja menos importante hoje do que era na época em que os Xavante ainda realizavam excursões de caça e coleta durante a maior parte do ano, todavia, no caso de *Marãiwatséde* a caça hoje é praticamente inexistente e não supre a demanda por esse item de uma população de quase 700 pessoas.

Existem alguns tabus alimentares: um homem cujo filho acabou de nascer não pode comer comidas fortes como, por exemplo, carne de porco, ema ou outras carnes mais gordurosas, então, devem comer frango ou comidas mais leves como leite, biscoito salgado e arroz com pouco óleo.

Como disse Maubury-Lewis (1984), a caça é um assunto importantíssimo nas reuniões do *warã* e os homens podem passar dias conversando sobre uma caçada bem sucedida ou planejando-a. Nós presenciamos um fato muito interessante. Em março de 2009, estávamos promovendo um curso de apicultura na aldeia, com a participação dos adolescentes e cerca de 15 homens maduros. Certo dia, eles não compareceram à aula. Fomos saber o que tinha acontecido e descobrimos que um grupo de homens que estava andando pelo entorno da aldeia no dia anterior havia avistado o rastro de um bando de porcos-do-mato e avisado a todos no *warã* daquela noite. Pelo rastro dos animais os Xavante calculam mais ou menos quantos indivíduos são, há quanto tempo passaram por ali e para onde foram. Saíram todos, então, pela manhã no rastro daquele bando e só voltaram no final do dia, tendo caçado uma anta. Com essa anta foi realizado o casamento de um dos filhos do cacique.

Atualmente, para que um casamento seja realizado, é necessário que um grupo de homens do mesmo clã do noivo cace um animal de grande porte (normalmente uma anta, veado, caititu, porcão, queixada ou um tamanduá). Esse animal é levado para a aldeia e o noivo deve carregá-lo nas costas até a casa da noiva para que os padrinhos do casal possam assá-la e distribuí-la para a comunidade. É neste momento que o casal é apresentado para a comunidade e passam a morar juntos. Ouvimos depoimentos de que por não encontrarem mais caça na região, os casamentos não estão podendo ser realizados.



Figura 8: Parte do ritual do casamento realizado na aldeia *Marãiwatséde*, em março de 2009, na qual o homem oferece uma anta aos padrinhos da noiva, que a distribuem para a comunidade.

A carne é um alimento de extrema importância para os Xavante, tanto no aspecto nutricional como simbólico. Silva (2008, p. 39) diz que “os Xavante ainda hoje acreditam que através do consumo de carne de caça, irão receber mensagens dos espíritos através dos sonhos e que não sonharão se não comerem este alimento. São estes sonhos que irão orientá-lo no mundo, no futuro”. Sua escassez, hoje, compromete as manifestações culturais desse povo, além de comprometer a qualidade da sua alimentação.

Também presenciamos uma caçada com fogo no dia 22 de agosto. Nesse dia, todos os homens maduros pintaram-se, prepararam seus arcos, flechas, bordunas e suas armas de fogo e foram a uma área distante da aldeia uns 3km para realizá-la, mas não conseguiram abater nenhum animal. Isso mostra a complicada situação em que se encontra a TI *Marãiwatséde* e como a caça, mesmo que com poucas chances de ter um resultado satisfatório, é importante culturalmente para os homens Xavante. Os anciões é que determinam no *warã* quando esse tipo de caçada vai ocorrer.

Antigamente, o local de realização dessa caçada podia mudar de ano para ano, mas, atualmente os indígenas acabam queimando uma mesma área por anos consecutivos, e áreas próximas à aldeia. Isso dificulta a regeneração natural da

vegetação. O fogo, antes muito importante para o cerrado, hoje passa a ser um problema, pois há muito capim no entorno da aldeia e, com isso, maior facilidade do fogo se alastrar, com o agravante de que este é colocado bem próximo à aldeia e próximo às roças, o que se torna perigoso.

Em parte, a carência de carne é suprida pela compra desse item na cidade, porém, a carne é um alimento caro e não está presente diariamente na alimentação dos Xavante. Uma alternativa que eles encontraram foi a doação de alguns pedaços de carne (como os ossos) por açougueiros de cidades vizinhas, que simpatizam com os índios. Outra alternativa é a aquisição de algumas reses de gado (normalmente 2 ou 3) junto aos fazendeiros que estão dentro da TI ou outros, que estão fora, mas estabeleceram um amizade com os Xavante. Essa carne é adquirida pelo cacique e levada para a aldeia na caminhonete dos indígenas. Ali ela é deixada em pontos estratégicos, para onde todas as famílias se dirigem para pegar seu pedaço de carne. Há um homem junto a cada um desses bois que os divide. A divisão não parece ser equitativa, na verdade, quem chegar primeiro leva os melhores e maiores pedaços. O agente de saúde indígena e as funcionárias do posto de saúde relataram que no dia seguinte à divisão da carne boa parte dos moradores se dirige ao posto solicitando remédio para dor de barriga e disenteria porque consomem toda a carne no mesmo dia. Os Xavante hoje também criam algumas galinhas e patos que abatem para se alimentar.

A coleta não é realizada diariamente pelas mulheres. Ela ocorre, principalmente, quando estas estão em deslocamento pelos arredores da aldeia ou dirigindo-se à roça, porém, parece que as mulheres de uma casa podem sair com o intuito de coletar algum fruto específico, para isso levam seu *tsi'õnõ* (cestos trançado por elas, feitos de palha de buriti). Nas épocas de manga, pequi e buriti, as mulheres saem no caminhão ou caminhonetes da comunidade rumo à cidade, para realizar compras ou receber salários e aposentadorias, juntamente com os homens, e coletam esses frutos. Todos se alimentam no local e ainda trazem uma boa quantidade para a aldeia.

Os homens deslocam-se mais de carro do que as mulheres, mas em um raio de 6 km ao redor da aldeia sempre é possível encontrar adolescentes, jovens, homens, mulheres e velhos indo e vindo a pé das suas roças ou da represa existente na aldeia. O cacique pediu para que organizássemos, via projeto, uma expedição de coleta à região de Serra Nova Dourada, onde seria possível levar os homens para coletar alguns recursos do cerrado. Os homens coletam frutos para se alimentar quando em deslocamentos, mas, principalmente para pegar pati, com o qual fazem arcos e flechas; embiras para fazer as pulseiras (*wedenhorö*); algodão para fazer as gravatas (*danhorebdzu´a*) e plantas medicinais com as quais tem o costume de riscar o corpo e passá-las para “retirar o sangue ruim”. Depois que os homens saíssem nessa viagem as mulheres sairiam no caminhão para pegar raízes. O caminhão da aldeia estava quebrado e nenhuma dessas atividades pôde ser realizada.

É comum observar crianças comendo frutos na aldeia, como cará, macaúba, buriti, acuri, pequi e manga. O buriti e o pequi, eles comem crus ou cozidos. As raízes, atualmente, apesar de apreciadas, não são muito consumidas devido ao alto grau de devastação da TI e conseqüentemente, porque as mulheres não encontram muitas delas para coletar. Todavia, relataram já ter encontrado algumas espécies no que restou de matas ao redor. Em maio, as mulheres disseram já ter observado essas raízes e iriam coletá-las em setembro. Um de nossos informantes citou que as mulheres saem para coletar quando sentem fome. Vão ao local onde sabem que vão encontrar o item desejado, comem o quanto querem e o que conseguem coletar em seu *tsi´õnõ* levam para casa para seus parentes, assim como acontece no mito da obtenção do milho pelos Xavante (GIACCARIA & HEIDE, 1975, p. 62-72)

As raízes são muito pouco encontradas na aldeia *Marãiwatséde*, devido à sua profunda degradação e também por estar localizada em uma região de transição entre o cerrado e a floresta tropical. A maioria delas são encontradas nas matas de galeria do cerrado. Algumas pessoas da aldeia se deslocam em caminhonetes até uma região próxima (Serra Nova Dourada), região de cerrado onde se localizavam aldeias antigas dos Xavante, inclusive *Bö´u*, onde nasceram alguns anciões que ainda hoje estão vivos. Como dito anteriormente, essa região constava no território proposto pelo GT

da Funai que elaborou o laudo de identificação da TI *Marãiwatséde*, porém, foi excluído da demarcação.

A diminuição da coleta compromete o conhecimento amplo dos indígenas, principalmente das novas gerações de mulheres, em relação ao seu território. Essa diminuição da mobilidade do grupo tem como consequência, a médio e longo prazo, a perda de alguns conhecimentos acerca do ambiente e dos recursos locais (como época de frutificação, reconhecimento de determinadas espécies comestíveis ou medicinais, por exemplo). Além disso, como os Xavantes estavam há muito tempo longe de *Marãiwatséde*, as mulheres, mesmo as mais velhas, tem dificuldades de localizar determinados recursos no restante de mata e de cerrado que ainda hoje podem encontrar.

O meio para realizar uma atividade, como a coleta, pode mudar de acordo com a tecnologia disponível, mas o fim continua sendo o mesmo, e não é porque um Xavante passou a andar de carro que ele deixa de ser Xavante. Há um ônibus que leva os alunos da aldeia que devem cursar o Ensino Médio, diariamente para Bom Jesus do Araguaia¹³. Esse ônibus sai por volta das 11 horas da manhã e retorna entre 7h e 7:30h da noite, só que não leva apenas os alunos, mas várias outras pessoas da comunidade que desejam ou precisam fazer alguma coisa na cidade. As atividades que vão realizar vão desde resolver questões da escola, fazer compras, fazer uma ligação quando o telefone da aldeia está quebrado, até simplesmente dar um passeio e voltar. Dependendo do dia o ônibus sai cheio de homens, mulheres e crianças com seus *tsi'õnõ*, que passam o dia na cidade. Durante esse período eles fazem suas compras, resolvem o que precisam e também coletam alguns itens que eles gostam como mamão, abóbora, caju, banana, melancia, que estão na época de coleta. Nunca acompanhei os velhos e as mulheres (que são quem normalmente aparecem no fim do dia com sacos de arroz e *tsi'õnõ* cheio desses itens), mas acredito que eles os coletam em algumas árvores em terrenos baldios na cidade ou em algumas casas cujos moradores os autorizam (algumas, também, que talvez não autorizem, mas que fiquem

¹³ Cidade mais próxima da aldeia, distante 60 km.

mais longe da cidade). Ou seja, a coleta, de uma forma ou de outra continua acontecendo.

As roças de toco encontram-se ao longo de todo o entorno da aldeia. São todas familiares. Logo que retornaram, começaram a derrubar a mata ao longo dos rios próximos à aldeia. Depois de 3 ou 4 anos utilizando os mesmos locais, a terra começou a apresentar-se fraca. Algumas pessoas continuam plantando arroz em roças abertas há pelo menos 3 anos e outras começaram a derrubar a mata em um local de capoeira, com no máximo 5 anos de regeneração. Algumas só plantam mandioca nas roças mais velhas ou deixaram descansar e vão colhendo o que ainda persiste. Não podem deixar a terra descansar por muito tempo, pois não há mais lugares para derrubarem e logo tem que voltar para o mesmo lugar. Sua maior reclamação é o capim, que passou a concorrer com as espécies cultivadas logo no primeiro ou segundo ano da roça, o que não ocorria quando esta era aberta no meio da mata de galeria.

Maybury-Lewis (1984, p. 95) relata que os Xavante faziam suas roças de toco nesses locais, que estas eram pouco ordenadas e que os Xavante não as limpavam como os sertanejos da região, mesmo depois da aquisição de determinadas ferramentas. “Antes, quando não tinham outra opção para abrir clareiras além de queimadas sucessivas e nenhum outro instrumento agrícola além do pau cavador, os Xavante cultivavam suas plantas entremeadas de vegetação nativa”.

A diminuição da fertilidade do solo é fruto do seu mau uso, o que vem ocorrendo na região desde a implantação dos grandes projetos agropecuários da década de 70. Os Xavante aprenderam, após o contato com os não-índios, principalmente na Missão, observando as grandes plantações e as roças dos sertanejos da região, que deveriam limpar bem o terreno para que o mato não competisse com suas culturas. De fato, o capim hoje é um grande problema em todas as plantações, inclusive na aldeia, e a diminuição da biodiversidade do entorno e do acúmulo de matéria orgânica no solo compromete a produção da roça de toco atualmente, o que não aconteceu na época que Maybury-Lewis esteve entre os Xavante. Tampouco eles tinham que se preocupar com uma alta produtividade de suas roças, pois essa era um dos seus meios de subsistência na época (complementado pela caça e coleta).

Isto posto, observa-se que o hábito de retirar completamente da roça a matéria orgânica acumulada nessas plantas não desejadas, com o agravante de que os Xavante as queimam, não é mais apropriado para a realidade com a qual se deparam atualmente. Por isso o projeto de produção de alimentos desenvolvido junto aos Xavante prevê a discussão de princípios e técnicas de implantação de sistemas agroecológicos, o que não ocorrerá do dia para a noite, mas somente com muito diálogo e aprendizado mútuo.

O principal cultivo das roças de toco, hoje, é o arroz, mas outros produtos também são produzidos aí, como o milho¹⁴ e o feijão xavantes (com grande importância simbólica), a abóbora e a mandioca. Como pudemos relatar nos itens anteriores, o Projeto Xavante, realizado pelo governo federal durante as décadas de 70 e 80, teve grande interferência nas formas de subsistência desse povo, e sua dieta passou a ser composta principalmente por esse item. Silva (2008, p. 57-58) apresenta seus dados coletados que demonstram que a refeição básica dos Xavante é o arroz. Eles chegam a comer somente esse item nas refeições, mas normalmente o preparam acompanhado de feijão ou abóbora. Porém, se não comem carne, é como se não tivessem comido, dizem que se sentem fracos. Os horários das refeições não são fixos e os membros das famílias não comem todos juntos em um mesmo momento. Ao longo do dia, também se come alguns produtos como frutas, cocos e raízes entre as refeições.

Um de nossos informantes disse que os homens acordam antes que as mulheres, entre 4-5h da manhã e dirigem-se para o *warã*. Entre 5-6h as mulheres acordam e começam a preparar a refeição. O café da manhã, usualmente, é composto apenas pelo arroz, que é consumido pelos homens entre 8-9h, que seguem depois para a roça. Quando voltam para a casa comem arroz, feijão e carne (se houver) e umas 17h, antes de ir para o *warã*, alimentam-se novamente. Nas casas observam-se as crianças comendo alguns alimentos assados ou produtos da coleta entre as refeições maiores.

¹⁴ O plantio do milho Xavante, atualmente, varia muito de um ano para o outro em quantidade de produção. Boa parte das famílias guardam sementes de um ano para o outro, mas ouvimos muitas reclamações de que alguns pássaros comem muito as sementes na roça, ocasionando perdas significativas na produção (o que parece estar sendo o caso na safra 2009/2010)

Hoje eles gostam muito do café e normalmente o levam para a roça ou para outros trabalhos (os professores o levam para a escola, por exemplo).

Alguns anciões, que nasceram em *Marãiwatséde*, questionados sobre quando comeram arroz pela primeira vez responderam: os homens que foi através das visitas que realizavam a algumas casas de posseiros e fazendeiros que habitavam a região antes mesmo da chegada dos grandes projetos de colonização estimulados pelo governo federal ou eles pegavam o arroz plantado em alguma roça que encontravam; e as mulheres, na Missão de São Marcos. Acredito que os homens realizavam mais esse tipo de contato esporádico com a sociedade envolvente do que as mulheres. Desde há muito tempo, mesmo antes do contato “oficial”, eles já se relacionavam com os sertanejos. Essa relação podia ser pacífica ou belicosa, conforme a reação da pessoa ou da família. Relatos de pessoas idosas, que habitam a região desde a década de 1940, mostram essa relação. Uma senhora disse que seu marido era amigo dos Xavante e que grupos de até 60 homens apareciam em sua casa e comiam com a família quando estavam de passagem. Eles gostavam de coalhada, arroz e muita carne. Já alguns contatos eram belicosos e podiam culminar até mesmo em mortes de ambos os lados.



Figura 9: Xavante comendo arroz em época próxima ao contato (Fonte: Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia)

Atualmente, esse grupo também estabelece diversos tipos de relação com a sociedade evolvente. Desde brigas na justiça com posseiros e fazendeiros pela desintrusão da TI e comércios na cidade onde não são bem recebidos, até comerciantes que os recebem bem e lhes dão algumas coisas (carne e pão, por exemplo), moradores que os deixam coletar frutas em seus quintais e grandes fazendeiros que lhes dão reses de bois ou constroem benfeitorias em suas terras.

Muitas plantas passaram a ser cultivadas nos quintais das casas após o fim da mobilidade pelo território (SILVA, 2008, p. 44). As plantas encontradas em *Marãiwatséde* são: urucum, manga, caju, jatobá, laranja, limão, goiaba, acerola, melancia, pequi, mandioca, cará, mamão, bacaba, babaçu, abacaxi, buriti, feijão.

Observamos que nas casas onde moram os anciões, que vão quase diariamente à roça, a diversidade da alimentação é bem maior do que em casas que eles não estão presentes e estes demonstraram grande prazer em armazenar e plantar as sementes de produtos tradicionalmente consumidos, como abóbora, milho e feijão xavantes e também mudas de árvores frutíferas. Silva (2008, p. 86-87) também observou tal fato na aldeia *Wedé'rá*.

Nas roças encontramos arroz, milho duro e milho Xavante, abóbora, cará, feijão catador, feijão Xavante, batata-doce, cará, inhame, mandioca, amendoim abacaxi, melancia, banana, macaúba, inajá, buriti, acuri, mamão, urucum e cana-de-açúcar sendo cultivados. Esses itens são cultivados separadamente, apenas as espécies que enramam são cultivadas nas entrelinhas do milho ou do arroz. As espécies frutíferas são usualmente cultivadas ao redor das outras culturas. Entre uma roça e outra pode haver um pedaço de capoeira, principalmente nas roças recém-abertas.

Ao mesmo tempo em que podemos observar um maior cultivo de produtos agrícolas pelos Xavante, também observamos uma alimentação menos variada e menos balanceada nutricionalmente. Antes dos estudos de antropólogos como Nimuendaju (1939 *apud* Maybury-Lewis, 1984, p. 3) e Maybury-Lewis (1984) acreditava-se que um modo de vida como o dos Xavante, caçador-coletor, proporcionava-lhes uma vida muito dura, de luta constante pela sobrevivência, sem descanso nem excedente, não lhes restando tempo para construir cultura (SAHLINS,

1987, p. 7). Posteriormente, estes autores descreveram sua complexa organização social e sua agricultura simples, porém muito bem adaptada a uma estratégia de sobrevivência que a combinava com as expedições de caça e coleta da estação seca.

Flowers (1982, p.214), estudando as variações nas práticas agrícolas de quatro sociedades indígenas Macro-Jê do Brasil Central, conclui que seu padrão de subsistência tradicional era estável e obtinha vantagens com relação à variedade de recursos encontrados no cerrado. Essa estratégia mista poderia suportar uma população maior do que suportaria se eles dependessem apenas de uma dessas formas de subsistência. Além de lhes permitir uma maior flexibilidade, caso ocorresse algum estresse ambiental.

Sahlins (1978, p. 7) classificou as sociedades caçadoras-coletoras como as “primeiras sociedades da afluência, onde todas as vontades materiais eram facilmente satisfeitas”. A partir do momento que essas sociedades entram em contato com a sociedade capitalista envolvente elas passam a ter necessidades que não tinham antes (fósforos, isqueiros, fogões, panelas, arroz, pão, frango, roupas, ferramentas, colchão, televisão, apenas para citar alguns exemplos). Além das novas necessidades houve uma diminuição do seu território e a superexploração dos recursos (o que no caso de *Marãiwatséde* não foi feito pelos indígenas e sim pelos invasores de sua terra), culminando em uma realidade que não lhes permite mais obter os mesmos resultados com o mesmo tipo de exploração do ambiente.

A reação dos Xavante, de modo geral, foi começar a dedicar mais tempo para a agricultura. Com a implantação das ações do Projeto Xavante, devido a pressões da sociedade envolvente¹⁵, esse povo participou de uma tentativa de desenvolvimento de uma agricultura em larga escala, que demandava altos investimentos de capital, mão-de-obra e em seu planejamento. Essa tentativa foi muito mal sucedida e, claro, ocasionou mudanças no modo de vida dos Xavante, como a incorporação definitiva do arroz na sua dieta, a utilização de máquinas agrícolas como o trator e a colhedeira, a

¹⁵ Na época, disseminava-se a idéia de que os índios possuíam muita terra e que esta não deveria permanecer “improdutiva”, pois “atrasaria o desenvolvimento regional”. Daí a idéia de um grande projeto de produção de arroz em larga escala.

plantação de algumas monoculturas e a idéia de que devem manter as roças sempre limpas.

Atualmente, no caso de *Marãiwatséde*, os Xavante possuem um trator e um tratorista indígena que o conduz¹⁶. Todavia, o funcionamento desse trator e o plantio da roça de arroz mecanizada depende de recursos e óleo diesel enviado pela Funai e, se ela não os envia, devido às burocracias, essa atividade fica inviabilizada. Essa roça existe desde que voltaram para a terra, em 2004. Ela é feita longe da aldeia e próxima à BR-158, com uma área de aproximadamente 30 ha de onde os Xavante puderam colher 1300 sacos de arroz em 2005 e 700 sacos em 2007. Nos primeiros três anos a colheita foi mecanizada e neste último plantio, de 2008 para 2009, a própria comunidade a realizou, sendo que cada família colheu o arroz que pôde com o trabalho de seus membros e por isso, não foi possível saber exatamente a produtividade da roça. Para a colheita nessa roça toda a comunidade foi de caminhão.

Apesar da plantação de arroz, tanto na roça mecanizada quanto na roça de toco, os Xavante ainda compram fardos de arroz na cidade. Alguns professores disseram que não tinham tempo para colher o arroz da roça de toco, outros que não possuíam sacos para buscá-lo na roça. Há a facilidade de o arroz industrializado não precisar ser pilado e já vir limpo. A facilidade de acesso a alguns recursos pode ser uma das explicações para algumas mudanças nos hábitos alimentares. Ocorre que alguns alimentos industrializados causam dependência química ou física, como o açúcar refinado, o café, o trigo e alguns conservantes e corantes. Todavia, há recursos que não têm apenas um valor nutricional, mas um valor simbólico, como a caça. Foi dito que em Pimentel Barbosa, apesar da facilidade de acesso à cidade, a caça continua sendo realizada com certa frequência pelos homens.

As mais sérias conseqüências das mudanças alimentares parecem ocorrer na questão da saúde, com aumento de doenças como diabetes, colesterol, pressão alta, obesidade, desnutrição e morbidade.

¹⁶ Para os Xavante, quanto mais máquinas agrícolas, óleo diesel, carros e outros recursos conseguem da Funai, maior é o prestígio das lideranças das diversas aldeias.

A moderna seleção de cultivares da sociedade ocidental eliminou a diversidade em favor da produtividade e hoje, apenas 20 espécies vegetais são cultivadas em larga escala no mundo, representando 90% da dieta humana, desses, o trigo, o milho e o arroz representam mais de 75% do consumo de cereais (PASCHOAL, 1987, p. XXII). A chamada Revolução Verde conseguiu um número crescente de adeptos com o discurso de que aumentaria a produção de alimento e acabaria com a fome da humanidade e o que vimos foi o contrário, uma enorme crise de alimentos mundiais e cada vez mais gente morrendo de inanição nos países pobres. Ao mesmo tempo em que crescem os casos de obesidade nos países ricos. As mesmas indústrias que são donas das patentes das altamente produtivas sementes híbridas são também vendedoras de agrotóxicos e remédios (MOONEY, 1987, p. 105). A diversidade de alimentos dos quais atualmente nos alimentamos e a sua qualidade nutricional não é assim tão diferente da dos Xavante e de outros povos indígenas em contato com a sociedade capitalista.

No caso dos Xavante de Marãiwatséde, o maior acesso aos recursos financeiros e materiais e conseqüente facilidade no acesso às cidades permitiu-lhes consumir alimentos industrializados, porém, como colocado por Silva (2008) para o caso dos Xavante da aldeia *Wedé'rá*, a substituição por esse tipo de alimentos não veio seguida de uma compensação nutricional. Eles são, usualmente, fontes de carboidratos e açúcares, causando uma carência vitamínica e protéica, principalmente nas crianças, e um aumento na incidência de doenças como diabetes, colesterol e pressão altos nos adultos.

A população da TI *Marãiwatséde* apresentou altos índices de desnutrição infantil quando retornou para seu território, situação que hoje se encontra mais controlada¹⁷.

¹⁷ Foi solicitado à Funasa os dados de desnutrição infantil, diabetes e pressão alta entre os Xavante de *Marãiwatséde* de 2004 a 2009, porém, estes não foram disponibilizados. Em conversa com uma auxiliar de enfermagem que trabalha com o grupo desde 2006, ela nos contou que naquele ano havia 76 crianças desnutridas na aldeia e hoje esse número caiu para 35 crianças, mesmo havendo um aumento da população. Ela disse também que o cultivo das roças e a plantação nos quintais, iniciadas logo quando chegaram, foi muito importante para essa recuperação da saúde das crianças.

As famílias que possuem casos de crianças desnutridas recebem, sem regularidade, cestas básicas da Funasa. Os itens dessas cestas básicas são divididos entre os parentes dessas famílias seguindo as regras de reciprocidade existentes e não duram muitos dias. São produtos industrializados como arroz, macarrão, farinha de trigo, fubá, açúcar, sal, óleo, leite em pó, biscoito, que auxiliam em uma situação de risco, porém, não resolvem o problema a médio e longo prazo e ainda fomenta o hábito do consumo de alimentos industrializados, assim como a merenda escolar.

A merenda escolar também é hoje uma fonte importante de alimentos industrializados na aldeia, pois ela não é pensada como uma alimentação balanceada ou com referência nos hábitos alimentares específicos do Xavante. Pudemos observar o consumo dos seguintes alimentos na merenda escolar: pão com manteiga e leite, pão com manteiga e suco, pão com carne moída, chá com bolacha, farofa com carne, farofa com frango, farofa de ovo, arroz com frango e tomate, mingau de fubá, arroz com milho, arroz com cenoura, arroz com carne, arroz com molho de tomate, arroz com frango, milho, pipoca, bolacha maisena, bolacha de água e sal, chá de capim limão, macarrão com molho de tomate, ovo cozido, suco de saquinho.

Os produtos adquiridos na cidade são: arroz, feijão, leite em pó, leite de caixinha, carne de boi, frango, peixe, refrigerante, pão, ovo, macarrão, açúcar, café, balas, chicletes, bolo, pão de queijo, pão doce, pastel, salgados, bolacha, suco de saquinho, farinha de trigo, salgadinhos, melancia, cebola, alho, óleo, fumo, sal, sardinha em lata.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, fizemos uma descrição das atividades de subsistência dos Xavante ao longo do tempo e pudemos perceber as mudanças ocorridas nesse período. Percebe-se, em um primeiro momento, uma crescente dependência com relação aos produtos provenientes da agricultura e da pesca e a diminuição da coleta, apesar da manutenção da caça, atividade de elevada importância simbólica para este povo. Posteriormente, houve um crescimento da dependência dos produtos industrializados, da agricultura mecanizada e do aporte de recursos provenientes do órgão indigenista oficial ou de outras alianças com os não-índios.

Questões importantes foram elencadas como causas dessas mudanças como a retirada forçada de seu território, o confinamento territorial, a diminuição gradativa da disponibilidade dos recursos e a degradação do solo (quando do seu retorno para o território de origem), as políticas de desenvolvimento para os povos indígenas e o maior acesso a recursos financeiros e às tecnologias dos não-índios. Graves consequências dessas mudanças são a deficiência nutricional e as doenças a ela relacionadas.

Após essa descrição, podemos nos perguntar se os Xavante estão perdendo sua cultura alimentar e em breve estarão se alimentando como os brancos. Esse questionamento não ocorre apenas com relação à alimentação, mas com a cultura dos povos indígenas em geral.

Diferentemente da noção do senso comum, que até muito pouco tempo atrás era a visão da ciência, de que a cultura é um pacote fechado de conhecimentos passado através das gerações de forma estanque, hoje a ciência da antropologia aceita que toda e qualquer cultura é dinâmica e está em constante mudança. Os grupos indígenas que habitavam o Brasil antes da chegada dos europeus não viviam isolados, mas mantinham contatos uns com os outros, o que permitia que novas tecnologias, conhecimentos, adornos, rituais fossem incorporadas de forma diferente em cada sociedade (COHN, 2001).

Essa autora coloca como exemplo atual das transformações culturais o caso dos Xavante, que hoje dão visibilidade à sua cultura através da inovação dos meios de comunicação, vendendo CD's, DVD's e divulgando os trabalhos de sustentabilidade desenvolvidos em suas terras pela internet. Isso não significa que esses índios perderam sua cultura, pelo contrário, passaram cada vez mais a reafirmar-se como um grupo diferenciado. Todavia, em contato com novas realidades e tecnologias, advindas de uma cultura diferente, modificam-se de alguma forma, mas não na sua essência.

Nos mitos Xavante podemos encontrar indícios de como esses “empréstimos culturais” sempre aconteceram: o fogo, que os permitiu se alimentar da carne e de outros alimentos como o milho, feijão, abóbora, foi obtido da onça e o milho, dos periquitos. As metáforas são utilizadas nos mitos para dizer como alguns fatos aconteceram.

Quaisquer mudanças em uma sociedade, e isso não seria diferente na sociedade xavante, estão relacionadas a fatores culturais, simbólicos, ambientais, políticos, econômicos e sociais. Apenas uma pesquisa mais longa e mais aprofundada pode nos dar algumas respostas mais complexas de como e porquê essas mudanças ocorreram. Entender como a cultura de um povo muda ao longo do tempo nos permite respeitá-los em suas escolhas.

Essa pesquisa foi de fundamental importância para um maior aprofundamento da autora acerca das questões culturais que envolvem o universo da alimentação, da agricultura e das demais atividades de subsistência dos Xavante. Ao nos debruçarmos sobre tal temática, tanto ampliando o olhar no trabalho do dia-a-dia na aldeia como levantando dados já existentes, acreditamos poder contribuir para o desenvolvimento do projeto da OPAN junto a esse grupo indígena e para o registro e sistematização dos dados até agora coletado e das reflexões realizadas.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, v.39, n.1, São Paulo, USP, p.13-37, 1996.

CASALDÁLIGA, P. **Uma igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social**. São Félix do Araguaia, 1971. Disponível em: <http://www.servicioskoinonia.org/Casaldaliga/cartas/1971CartaPastoral.pdf> Acesso em: 09 jan. 2010.

COHN, C. **Culturas em transformação: os índios e a civilização**. São Paulo em perspectiva. v.15, n.2, p.36-42, 2001.

DAVIS, S. H. **Vítimas do milagre**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. 208p.

FERRAZ, I. Dados históricos e de localização geral dos Xavante. In: MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Relatório de identificação da área indígena “Marãiwatséde”**. Brasília: Funai, 1992. p. 4-8.

FLOWERS, M. F.; GROSS, D. R.; RITTER, M. L.; WERNER, D. W. Variation in swidden practices in four central brazilian indian societies. **Human Ecology**. v.10, n.2, p.203-217, 1982.

FLOWERS, N. M.; GUGELMIN, S. A.; SANTOS, R. V. Settlement patterns and political strategy: the Xavante of central Brazil. **South American Indian Studies**, n.5, Vermont, BENNINGTON COLLEGE, p.18-28, 1998.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 3-21.

GIACCARIA, B.; HEIDE, A. **Xavante: povo autêntico**. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1972. 304p.

_____. **Jerônimo Xavante conta**. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1975. 299p.

_____. **Jerônimo Xavante sonha**. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1975. 239p.

GUGELMIN, S. A. **Nutrição e alocação de tempo dos Xavante de Pimentel Barbosa, Mato Grosso: um estudo em ecologia humana e mudanças**. 1995. 113f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Departamento de Endemias Samuel Pessoa, Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ. 1995.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL. **Povos indígenas no Brasil**. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante/1161> Acesso em: 11 jan. 2010.

LOPES DA SILVA, A. **Nomes e amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986. 340p.

_____ Dois séculos e meio de história xavante. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (Org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 357-378.

MAMPIERI, M. A Campanha norte/sul e a AGIP Petrolí. In: Ministério da Justiça. **Relatório de identificação da área indígena “Marãiwatséde”**. Brasília: Funai, 1992. p.9-13.

MAYBURY-LEWIS, D. **A sociedade Xavante**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984. 400p.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Relatório de identificação da área indígena “Marãiwatséde”**. Brasília: Funai, 1992. 100p.

PASCHOAL, A. D. Prefácio do tradutor. In: MOONEY, P. R. **O escândalo das sementes: o domínio na produção de alimentos**. São Paulo: Nobel, 1987. p. XIII-XXVI.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL 85/86. **Xavantaço ou funailaço?** Rio de Janeiro: CEDI, 1987. p. 344-347.

RICARDO, B.; RICARDO, F. **Povos indígenas no Brasil: 2001-2005**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. 879p.

SAHLINS, M. A primeira sociedade da afluência. In: CARVALHO, E. A. (Org.). **Antropologia econômica**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978. p. 7-44.

SANTOS, R.V.; FLOWERS, N. M.; JUNIOR, C. E. A. C.; GUGELMIN, S. A. Tapirs, tractors and tapes: the changing economy and ecology of the Xavante Indians of Central Brazil. **Human Ecology**. V.25, n.4, p.545-66,1997.

SILVA, R. J. N. **Seis décadas de contato: transformações na subsistência xavante**. 2008. 102f. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aplicada) – Centro de Energia Nuclear na Agricultura, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba. 2008.

SOCIEDADE DE PROTEÇÃO E UTILIZAÇÃO DO MEIO AMBIENTE. **Dasa uptabi: de volta às raízes**. Cidade de Goiás: PUMA, 2007. 108p.

APÊNDICES

Documento 1: Carta enviada pelo cacique Damião *Paridzané* para o presidente da ENI, Gabriel Cagliari, cobrando um posicionamento da empresa com relação à questão da Terra Indígena Marãiwatséde

PRELACIA DE S. FELIX DO ARAGUAIA-MT

Arquivo A-07-01-18

Sr.
 Gabriele Cagliari
 Presidente da ENI
 Piazzale Enrico Mattei 1
 Roma - 00144

Brasília, 15 de julho, 1992.

Prezado Sr. Cagliari,

Quando eu mandei entregar o wamãri - que para nós significa paz, fim da guerra, parece que o Sr. nada entendeu, porque agiu exatamente ao contrário.

Quando nós conversamos no Rio de Janeiro, no dia 10 de junho, na frente dos jornalistas estrangeiros, o Sr. não quis assinar nada e disse que não estava enganando os Xavante. Mas enganou. Quando nós pedimos para voltar para Suiã-Missu, lá mesmo fizeram negociação com os fazendeiros vizinhos, com os políticos de São Félix e com o governador de Mato Grosso para invadir a fazenda e impedir o nosso retorno em paz.

Com todos da minha aldeia, estamos muito aborrecidos porque fomos enganados, porque a sua palavra foi mentira!

Agora a FUNAI encaminhou o documento para a sua empresa entregar a terra, mas queremos sem invasões. Senão vai ter guerra e a sua empresa será a responsável. O direito é nosso, a terra é nossa, é do Xavante!

Quando nós conversamos no Rio de Janeiro, também foi prometido o caminhão e assistência à saúde. Será que tudo é só promessa, só engano, só mentira? Não era o que nós esperávamos!

Cacique Damiano Parizane

Cacique DAMIANO PARIZANE

Aldeia Água Branca

c/c Campagna Nord/Sud

| | | | | | | | | | | | | |
|--------------|--|---------------------|-----|-----------------|------|-----|------------------------|------|--------------|------|-------------|-------------|
| Prod utos | | SET. OUT. chuvas | NOV | DEZ | JAN. | FEV | MAR. | ABR. | MAI | JUN. | JUL. AGO | SET. |
| | | | | Grandes chuvas. | | | Fim das grandes chuvas | | Início seca. | seca | Grande seca | Fim da seca |

Documento 2: Reportagem do Jornal do Brasil de 25 de junho de 1992 denunciando a invasão da terra dos Xavante de *Marãiwatséde*

Invasores ocupam terra doada aos xavantes

Ronaldo Brasiliense

BELEM — Incentivados pelo prefeito de São Félix do Araguaia (MT), José Antônio de Almeida, o Brasil mais de dois mil posseiros de vários estados invadiram uma área de 179 mil hectares da fazenda Suyá-Missu, pertencente à Agip-Petroli do Brasil, devolvida no dia 10 de junho aos índios xavantes, em anúncio feito pelo presidente da Entee Nazionale (Erocarbure (ENI), Gabriele Cagliari, durante a Rio-92. A invasão da área foi incitada também pelo candidato a prefeito de São Félix, Miguel Milhomem (PFL), e pelo candidato a prefeitura de Alto da Boa Vista, Osmar Kahl Botelho Filho.

"Isso aqui não é terra de índio", proclamou o prefeito Antônio de Almeida em comício realizado na localidade de Posto da Mata, numa bifurcação das rodovias BR-158 e BR-242. Foi a senha que deflagrou a invasão das terras memoriais dos xavantes, devolvida pela ENI — holding do grupo Agip-Petroli — após 25 anos de ocupação. A invasão da área foi apoiada pelos fazendeiros da região, que não querem a volta dos xavantes a São Félix.

O bispe de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, em visita a uma das localidades de sua paróquia, pediu intervenção federal para que se chegue a uma solução sem violência, pois os mais de 700 xavantes, liderados pelo cacique Danião Parizané, ameaçavam reagir contra os posseiros invasores.

"Os posseiros são apenas instrumentos dos grandes latifundiários, usados para evitar que a área volte ao poder dos xavantes", alertou uma antropóloga do Centro de Trabalho Indigenista (CTI), que, ao lado da Campanha Norte-Sul, da Itina, que reúne organizações não-governamentais e sindicatos, comanda a luta para que as terras da fazenda Suyá-Missu sejam devolvidas aos xavantes.

"Tudo leva a crer que os proprietários estão apoiando a invasão ou, no máximo, pecam por omissão", denunciou um antropólogo da Campanha Norte-Sul que esteve na área invadida, onde as famílias de posseiros estão promovendo grandes desmatamentos em áreas de floresta tropical ainda intacta. Os proprietários da fazenda ainda não ingressaram na Justiça com ação de reintegração de posse. O prefeito Antônio de Almeida, segundo denúncias, estava recrutando famílias flageladas em municípios de Goiás e dando transporte para posseiros do Piauí. Os antropólogos acreditam que os fazendeiros querem criar um fato político irreversível.

Os xavantes foram expulsos das terras em 1966 com autorização do extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Eles foram removidos para a missão salesiana São Marcos, a 300 quilômetros de distância. O departamento jurídico da Funai estuda formas para garantir a terra aos índios.

JORNAL DO BRASIL

25/6/92 pag. 7

| | | | | | | | | | | | | | |
|--------------------|-----------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| | PERÍODO DAS MIGRAÇÕES | | | | | | | | | | | | |
| | CARNE | | | | | | | | | | | | |
| | MILHO | | | | | | | | | | | | |
| | FEIJÃO | | | | | | | | | | | | |
| | BOLOS | | | | | | | | | | | | |
| | ABÓBORAS | | | | | | | | | | | | |
| | MANDIOCA | | | | | | | | | | | | |
| | RAÍZES | | | | | | | | | | | | |
| Produtos da coleta | PALMITO | | | | | | | | | | | | |
| | COCO BROTADO | | | | | | | | | | | | |
| | COCO DE BABAÇU | | | | | | | | | | | | |
| | COCO DE ACURI | | | | | | | | | | | | |
| | COCO DE BOCAIÚVA | | | | | | | | | | | | |
| | CAULE DE BOCAIÚVA | | | | | | | | | | | | |
| | COCO DE BURITI | | | | | | | | | | | | |
| | FRUTO DE CUMBARU | | | | | | | | | | | | |
| | FRUTO DE JATOBÁ | | | | | | | | | | | | |
| | FRUTAS DO CERRAO | | | | | | | | | | | | |
| | FRUTO DO PEQUI | | | | | | | | | | | | |
| | PONÈÈRE.PATEDE-raizes | | | | | | | | | | | | |
| | WEDEDU-WÕ raizes | | | | | | | | | | | | |
| | MOONI raizes | | | | | | | | | | | | |

Anexo 1: Tabela alimentar apresentada por Giaccaria & Heide (1972, p. 72).

| | JAN. | FEV. | MAR. | ABR. | MAI. | JUN. | JUL. | AGO. | SET | OUT. | NOV. | DEZ. | |
|--------------------|----------------------|----------------------|---------------------------------------|------------|--------------------|---------------------|-----------------------------|------------------|---------------|------------|----------|-------|---------------|
| CLIMA | CHUVAS FORTES | | CHUVAS FRACAS | | ESTAÇÃO SECA | | CHUVAS FRACAS | | CHUVAS FORTES | | | | |
| RESIDÊNCIA | MIGRAÇÃO | ALDEIA | 1º de maio | MIGRAÇÃO | 24 de jun. - 16/07 | ALDEIA | CAÇADA | 7 de Ago. 28/07 | ALDEIA | 20 de Out. | MIGRAÇÃO | | |
| AGRICULTURA | Colheita do milho | | Colheita do Feijão e Abóbora Queimada | | | | Roça do Terreno e plantação | | | | | | |
| ALIMENTAÇÃO BÁSICA | ALFARROBA | | MILHO | | | | | feijão e abóbora | | ALFARROBA | | | |
| | PEQUI | | BABAÇU | | | | MANGA | | BURUTI | | PEQUI | | |
| | PALMITO | | | | | | | | | | | | |
| | RAÍZES | | | | | | | | | | | | |
| CERIMONIAL | Corridas Cerimoniais | | | | | | | | | | | | |
| | Exercício Aquático | Perfuração da Orelha | wai'á (flechas) | 24 de Jun. | 30 de Jul. | Principiantes Wai'á | | | | | | Final | INICIAÇÃO (3) |
| | INICIAÇÃO (1) | | INICIAÇÃO (2) | | | | INICIAÇÃO (3) | | | | | | |

Anexo 2: Atividades sazonais apresentadas por Maybury-Lewis (1984) para os Xavante de São Domingos.

| |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>JANEIRO - dia 28: plantio de 30 ha de arroz pela Funai (roça mecanizada)</p> |
| <p>MAIO - colheita do urucum para fazer tinta para os rituais - final do mês: colheita manual do arroz da roça mecanizada</p> |
| <p>JUNHO - coleta do babaçu (modo de comer: cru ou assado) - coleta de cará (modo de comer: cru ou assado)</p> |
| <p>JULHO - coleta de cará - coleta de macaúba - colheita de mandioca e fabricação de farinha de puba pelas mulheres - colheita de urucum</p> |
| <p>AGOSTO - coleta de raízes - caçada com fogo</p> |
| <p>SETEMBRO - início das chuvas - coleta de raízes - coleta de mudas de buriti - início dos plantios das sementes de abóbora, feijão e milho nas roças de toco</p> |
| <p>OUTUBRO - coleta de raízes - coleta de macaúba, alicuri, buriti, manga</p> |
| <p>NOVEMBRO - Coleta de manga, buriti - final do mês: coleta de pequi</p> |
| <p>DEZEMBRO - coleta de pequi - plantio de arroz na roça de toco</p> |

Anexo 3: Atividades de subsistência observadas pela pesquisadora na aldeia *Marãiwatséde* no ano de 2009.